

Aula 09 – Interpretação: Texto jornalístico

*Gramática e Interpretação de
texto - IME 2021*

Professora Celina Gil

Sumário

Sumário

Apresentação	3
1 – O que é Jornalismo	3
1.1 – Principais fundamentos	6
Liberdade	6
Credibilidade	7
1.2 – Gêneros	11
Informativo	11
Interpretativo	16
Opinativo	19
2 – Reportagem	24
2.1 - Estrutura	26
Manchete	26
Subtítulo	27
Lide	27
Corpo da reportagem	28
3 – Crônica	32
4 – Exercícios	37
4.1 – Lista de Exercícios	38
4.2 - GABARITO	67
4.3 – Exercícios comentados	68
Referências	110
Imagens	110
Considerações finais	110



Apresentação

Olá!

O texto jornalístico é um dos gêneros mais comuns nas provas de vestibulares. Nessa aula, vamos aprender a interpretar os dois gêneros de textos jornalísticos mais comumente utilizados nos vestibulares: **reportagem** e **crônica**. É importante que você saiba identificar os aspectos principais de cada uma delas para interpretar os textos mais facilmente.

Para isso, num primeiro momento, vamos pensar no texto jornalístico em si: o que é, como pode ser feito, com que objetivos, etc. Só então vamos entrar na análise detalhada dos gêneros escolhidos. Você não precisa decorar tudo, e sim ser capaz de identificar a estrutura geral dos textos.

E não se esqueça:

O hábito de ler jornais e revistas, de diferentes perfis, ajuda a entender melhor o texto jornalístico e como interpretá-lo!

Se você ainda não tem o hábito de ler textos jornalísticos, isso precisa mudar já!

NOS ÚLTIMOS 10 ANOS, O IME PEDIU A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS EM 4 ANOS! Isso significa que **quase metade das provas** exigiu conhecimento nesse gênero.

Por isso, tire alguns minutos do seu tempo para ler textos jornalísticos para se habituar com a linguagem.

Vamos lá?

1 – O que é Jornalismo

O que é exatamente o jornalismo? E o que é um texto jornalístico?

O jornalismo se baseia na ideia de **informar**. É uma atividade que se realiza de maneira periódica regular, podendo ser diária, semanal, mensal ou até anual. **O jornalismo é difundido através dos meios de comunicação de massa.**



NÃO
CONFUNDA!

Blog X Meios de comunicação de massa

Com o avanço da comunicação na internet, muitas vezes esses dois conceitos se misturam. Lembre-se da diferença entre eles:

Blog: Espécie de diário online em que o autor escreve sua opinião livremente sobre qualquer assunto desejado. São criados por **blogueiros** com o objetivo de **opinar**, sem necessidade de fundamentar com dados ou depoimentos.

Meio de comunicação de massa: Podem ser mídias impressas, audiovisuais ou digitais. Possuem técnicas específicas para a produção de seus textos. São alimentados por jornalistas com o objetivo de **informar** de maneira fundamentada.



Portanto, o jornalismo lida com dados factuais e a divulgação desses dados. É uma atividade **comunicativa** que deve levar em conta a pertinência dos fatos: o que vale a pena ser divulgado, para quem e por que razão? Talvez não interesse para o Brasil a construção de uma nova linha de metrô em Tóquio, mas certamente interessa saber que haverá uma extensão no prazo de entrega do Imposto de Renda. Por isso, o jornalista deve **selecionar** o que dizer.

Como vimos acima, há a possibilidade de haver jornalismo em diversos meios:



Mídia impressa: jornais, revistas, folhetos, panfletos, tablóides, etc.



Mídia audiovisual: televisão, rádio, cinema, vídeo, etc.



Mídia digital: internet.

Aqui nos interessa analisar com maior profundidade a **mídia impressa** e a **mídia digital**, pois vamos tratar de **textos jornalísticos verbais**. Antes de nos aprofundarmos nos gêneros de textos jornalísticos em si, vamos ver alguns termos comuns no jornalismo. Eles serão importantes para que você entenda os processos de criação dos textos. Volte nesse glossário ao longo do material quantas vezes forem necessárias.

Glossário de Jornalismo	
Apuração	Levantamento de dados para compor uma matéria.
Barriga	Matéria com erros ou falsa, que foi recebida com estardalhaço, porém acaba sendo desmentida. Um “furo” que deu errado.
Em off	Informação confidencial dada ao jornalista com a condição de não ser publicada.
Fonte	De onde procede a informação. Pode ser uma pessoa ou um documento.
Furo	Informação importante divulgada apenas por um veículo, antes de todos.
Gancho	Informação que conecta o assunto da matéria a outros do jornal ou da vivência do leitor. Modo como o assunto será desenvolvido.
Informação vazada	Informação sigilosa divulgada pela imprensa.
Pauta	Principais assuntos a serem divulgados na edição do veículo.



Wikileaks

Em 2006, ocorreu uma das situações mais conhecidas envolvendo informações vazadas para a imprensa: a criação do **Wikileaks** (do inglês, “leaks” = vazamentos).

A organização sem fins lucrativos publica em seu site **informações confidenciais**, como documentos, vídeos e fotografias, fornecidas por **fontes anônimas**. Essas informações são tanto sobre **governos e políticos**, como sobre **empresas privadas**.

Apesar de ter sido fundado em 2006, o site ganhou maior repercussão em 2010, após vazar, em grande quantidade, documentos sigilosos do exército americano acerca da Guerra do Afeganistão. Num primeiro momento, o Wikileaks entrega as informações para grandes jornais, como New York Times, The Guardian e Der Spiegel. Só então, os documentos são publicados no seu próprio site. A organização, portanto, possui forte colaboração com a imprensa.

Outras informações vazadas pelo Wikileaks foram documentos sobre a Guerra do Iraque, e-mails da pré-candidata à presidência americana em 2016, Hillary Clinton e provas de espionagem por parte da NSA (Agência de Segurança Nacional americana) a governos de diversos países, inclusive o Brasil.

O principal porta-voz da Wikileaks é o ciberativista* Julian Assange. Assange é matemático, programador e hacker. Devido a seu trabalho com o site, ganhou diversos prêmios ao redor do mundo. Após uma denúncia de abuso sexual, Assange foi extraditado para a Suécia. Em 2019, foi preso na embaixada do Equador em Londres, após a suspensão do acordo de extradição que garantia sua liberdade.



O Wikileaks se tornou uma fonte confiável de informações, pois suas informações vazadas se mostraram verdadeiras. Por isso e por seus contatos com jornais respeitáveis, suas informações exercem grande influência na política e nos governos.

*nome dado a pessoas que se envolvem com ativismo via internet.

1.1 – Principais fundamentos

Para que haja jornalismo, dois fundamentos são fundamentais: **liberdade** e **credibilidade**. Esses dois elementos se influenciam mutuamente.

Liberdade

Para que o jornalismo possa acontecer é preciso que haja liberdade para escrever sobre qualquer assunto ou pessoa. Principalmente quando o jornalismo precisa se debruçar sobre questões sociais ou políticas, é importante que os jornalistas possam ter a segurança de não sofrer represálias por seus textos. A liberdade de imprensa é o sinal da independência do jornalismo.

Por que é importante que o jornalismo seja independente?

Porque **ele não pode ser obrigado** a elogiar ou vituperar alguém. Se ele só fala bem de uma pessoa, ele está fazendo propaganda, não jornalismo. Um bom jornalista fala o que precisa ser falado, no momento em

vituperar: falar mal, insultar, caluniar, manifestar desaprovação.

que for necessário, de maneira independente. Isso é o que garante que um texto jornalístico seja levado a sério e cumpra seu papel informativo. A longo prazo, veicular notícias que não se quer ouvir, mas que se precisa ouvir, é uma maneira de ser considerado um meio de comunicação confiável.



O que pode acontecer quando um jornal ou um jornalista não têm liberdade para trabalhar? Em janeiro de 2015, o jornal Charlie Hebdo sofreu um atentado terrorista. Conhecido por seu caráter satírico, o jornal francês costuma produzir capas com charges polêmicas, com fortes críticas a políticos, religiões e eventos atuais. O ataque foi realizado por dois irmãos, vinculados a grupos fundamentalistas religiosos, como represália ao tratamento crítico ao Islamismo por parte do jornal. 12 pessoas foram mortas, entre jornalistas e policiais.



www.shutterstock.com • 242368207

Credibilidade

A credibilidade demonstra o quanto um jornal é confiável ou não. Ter credibilidade significa que os leitores terão mais certeza que aquilo que o jornalista escreveu possui informações verdadeiras. Por isso, um jornal que tenta agradar demais um grupo ou pessoa acaba sendo considerado **tendencioso** e, por isso, as informações que ele veicula podem ser passíveis de desconfiança.

Um dos elementos que aumenta a credibilidade de um veículo jornalístico são suas fontes. Quando informações vazadas por um jornal se comprovam verdadeiras, os leitores entendem que aquele veículo é de confiança. O mesmo ocorre em relação às fontes consultadas: quando um veículo publica fielmente aquilo que a fonte disse, os informantes entendem que aquele jornal tem credibilidade.



A Al Jazeera é o canal de notícias mais importante do Oriente Médio atualmente. Apesar de ter sido fundado em 1996, a emissora ganhou notoriedade em 2001, após os atentados terroristas de 11 de setembro. Por estar mais próxima geograficamente dos conflitos e possuir fontes bem informadas e confiáveis, a Al Jazeera foi o canal que pôde cobrir com maior rapidez e precisão a Guerra do Afeganistão (2001) e a Invasão do Iraque (2005).

Ao invés de mandar correspondentes, muitos jornais do mundo passaram a utilizar as informações apuradas pela Al Jazeera. Assim, o canal que até então era pouco conhecido no ocidente, se tornou um veículo com credibilidade para assuntos do Oriente Médio.



ALJAZEERA

Quão mais precisas se mostrarem as fontes de um jornal, mais confiança ele ganha por parte dos leitores. Cometer erros, porém, não é necessariamente um fator de perda de credibilidade. Tudo depende de como o jornal lida com o erro. Se o veículo se retrata e admite seu erro, por exemplo,

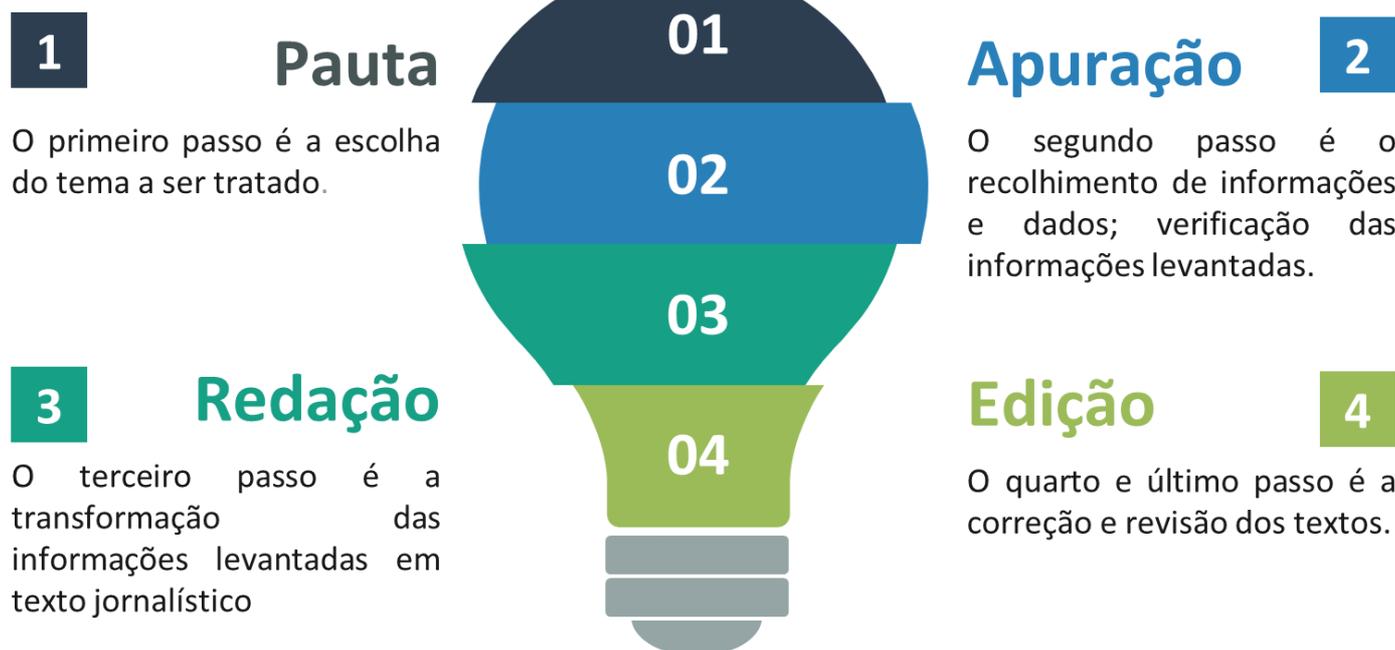
pode ser visto como um meio preocupado em informar bem às pessoas. **Corrigir um erro pode ser um fator de aumento de confiança.**

Outro elemento importante para garantir credibilidade é a objetividade do texto. Gaye Tuchman (1993) define quatro procedimentos para que uma notícia tenha objetividade:

- **Apresentação de possibilidades conflituais:** um jornalista deve ouvir todos os lados de uma mesma história para escrever uma matéria;
- **Apresentação de provas auxiliares:** dados externos que possam confirmar aquilo que está sendo dito, como dados, pesquisas, entre outros.
- **O uso judicioso das aspas:** utilizar, tanto quanto possível, as falas dos envolvidos do modo exato como foram ditas, entre aspas.
- **A estruturação da informação numa sequência apropriada:** dispor as informações no texto de acordo com sua ordem de importância, identificando o que deve ficar em cada parte do texto.



Você sabe como funciona o passo a passo da composição de um texto jornalístico?





FAKE NEWS?

O termo “fake news” (**notícias falsas**, em inglês) se tornou muito conhecido nos últimos tempos. A primeira vez que apareceu com força foi nas eleições americanas de 2016, entre Donald Trump e Hillary Clinton, em que os candidatos se acusaram mutuamente de produzir notícias falsas com o objetivo deliberado de prejudicar a campanha um do outro.



Essencialmente, uma notícia falsa é redigida com o objetivo de legitimar uma ideia ou deslegitimar algo/alguém. As principais características sobre as fake News são:

- **Seu alto poder de persuasão**, independente do grau de escolaridade ou classe social do leitor; e
- **Seu grande poder viral**, já que são fortemente ligadas à comunicação e difusão de informações na internet, sendo principalmente divulgadas em redes sociais.

Essas são justamente as características que diferem as fake news das informações falsas criadas por escritores ao longo da história: **por serem fortemente ligadas à internet, as fake news se espalham rapidamente e são de difícil apuração**. A origem das informações fica difusa, o que torna mais difícil checar as fontes ou dados que poderiam corroborá-las.

Por isso, é muito importante que você seja capaz de fazer uma leitura crítica daquilo que é veiculado nas mídias digitais.

O tema é certamente muito relevante para o contemporâneo. Em 2016, o Dicionário da Oxford elegeu “pós-verdade” como a palavra do ano. Em 2017, o tema de redação do ITA foi sobre o potencial manipulador das mídias. Isso indica que esse tema não deve se repetir no ITA tão cedo, porém, **como o IME ainda não explorou o tema, há chances que ele possa aparecer nesse ano!** É melhor você ficar ligado nesse conceito!





A IFLA bolou um infográfico para ajudar a identificar notícias falsas:

COMO IDENTIFICAR NOTÍCIAS FALSAS



CONSIDERE A FONTE

Clique fora da história para investigar o site, sua missão e contato.



LEIA MAIS

Títulos chamam a atenção para obter cliques. Qual é a história completa?



VERIFIQUE O AUTOR

Faça uma breve pesquisa sobre o autor. Ele é confiável? Ele existe mesmo?



FONTES DE APOIO?

Clique nos links. Verifique se a informação oferece apoio à história.



VERIFIQUE A DATA

Repostar notícias antigas não significa que sejam relevantes atualmente.



ISSO É UMA PIADA?

Caso seja muito estranho, pode ser uma sátira. Pesquise sobre o site e o autor.



É PRECONCEITO?

Avalie se seus valores próprios e crenças podem afetar seu julgamento.



CONSULTE ESPECIALISTAS

Pergunte a um bibliotecário ou consulte um site de verificação gratuito.

Tradução: Denise Cunha

1.2 – Gêneros

Um texto jornalístico pode se direcionar a público diversos e possuir objetivos muito diferentes. Além disso, pode ser produzindo em diferentes formatos. Pode-se classificar um texto jornalístico em três gêneros: **informativo**, **interpretativo** e **opinativo**.

Informativo

Um texto informativo é aquele que se costuma pensar quando se fala em jornalismo. Ele trabalha sobre aquilo que é a base do texto jornalístico: a **informação**. Seu objetivo é **informar sem emitir juízo de valor**. São exemplos de textos jornalísticos informativos:

Entrevista

- Texto que envolve perguntas e respostas, entre um entrevistador (quem pergunta) e um entrevistado (quem responde).
- Costuma mesclar uma linguagem mais formal com uma mais informal, já que conta com as marcas da oralidade (de quando a entrevista foi feita presencialmente).
- É apresentado na forma do discurso direto.

Nota

- Texto muito curto, que passa apenas as informações mais básicas, sem aprofundamento.
- Geralmente não contam com declarações de envolvidos.
- Podem falar sobre eventos passados que tiveram menor relevância ou sobre fatos que ainda estão em curso e, portanto, ainda não se tem informação suficiente para escrever nada além de uma nota.

Notícia

- Texto jornalístico cuja pauta se baseia em fatos ocorridos no momento presente, ou seja, fala sobre eventos que influenciam diretamente na data da publicação. É factual: não procura causas e consequências do evento relatado.
- São textos curtos e simples, sem grandes análises ou aprofundamento na opinião do jornalista/veículo de comunicação. Podem contar com citações dos envolvidos, no entanto.
- Devem ser apurados rapidamente e publicados enquanto ainda possuem relevância para o tempo presente.

Release

- Também conhecido como comunicado de imprensa (ou press release).
- É um texto feito para comunicar algo importante à própria imprensa.
- É usado comumente pelos órgãos públicos ou empresas, podendo contar com informações práticas, como horários de abertura, valores, e-mails e telefones para contato, etc.

Vamos ver exemplos de cada um desses tipos de texto:



Entrevista

Trecho da entrevista da escritora Elena Ferrante para o Los Angeles Times, traduzida por Fabiane Secches.

Você se lembra de quando lhe ocorreu a ideia de escrever A amiga genial?

Não sou capaz de dar uma resposta precisa. A origem pode ter sido a morte de uma amiga, ou uma festa tumultuada de casamento, ou talvez a necessidade de retornar aos temas e às imagens do romance anterior, A filha perdida. Ninguém sabe exatamente de onde vem uma história, ela é fruto de uma variedade de sugestões que, junto com outras de que sequer nos damos conta, estimulam nossa mente.

Você soube desde o início que precisaria de quatro volumes para contar a história completa?

Não. No primeiro rascunho, a história de Lila e Lenù se encaixaria facilmente em um único volume extenso. Quando comecei a desenvolver a primeira versão é que entendi que haveria dois, três, quatro volumes.

A história toda foi planejada de antemão, antes que o processo de escrita de fato começasse?

Não, nunca planejo minhas histórias. Um esboço detalhado é o suficiente para me fazer perder o interesse. Até mesmo um breve relato oral compromete o desejo de escrever aquilo que eu tinha em mente. Sou daquelas que começam a escrever sabendo apenas algumas características essenciais da história que pretendem contar. O restante se descobre a cada linha.

Fabiane Secches, 23/05/2018. Disponível em < <https://medium.com/@fabianesecches/elena-ferrante-em-entrevista-rara-autora-comenta-o-processo-de-escrita-da-tetralogia-napolitana-892bc0b840c7> > Acesso em 09 abr.2019.



Apesar de ser um texto informativo, uma entrevista pode conter traços opinativos a depender de uma série de fatores. Algumas questões podem influenciar na elaboração das perguntas e encaminhamento da entrevista:

- Linha editorial do veículo publicado;
- O público alvo da entrevista; e
- O perfil do jornalista.

Por isso, **a entrevista é um texto de gênero misto: informativo e opinativo.**

Veja um exemplo de questão de vestibular que discute justamente esse caráter pouco fixo dos gêneros a partir da entrevista:



(FUVEST - 2012)

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

Entrevistador: – O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

Entrevistado: – Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisados cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

Veja, 15/06/2011.

Tendo em vista contexto, a palavra do texto que sintetiza o teor da acusação referida na entrevista é

- a) “usurpado”.
- b) “detalhista”.
- c) “fomentar”.
- d) “litígios”.
- e) “insanidade”.

Comentários

Por ser um texto informativo, uma entrevista não deveria utilizar palavras que exprimissem uma opinião. Deve-se considerar, porém, que a linha editorial do veículo publicado, o público alvo da entrevista e o perfil do jornalista podem influenciar na elaboração das perguntas. Por isso, **a entrevista é um texto de gênero misto: informativo e opinativo**. Perceba que no contexto, na pergunta do entrevistador, o termo “usurpador” apresenta uma carga forte e acusatória. Para responder à questão, bastava aliar o sentido das palavras ao de “acusação”. A alternativa correta, portanto, a alternativa A.

Alternativa B está incorreta, pois o entrevistado usa “detalhista” apenas como constatação, uma opinião dele. Possui carga neutra em relação à acusação.

Alternativa C está incorreta, pois “Fomentar” significa criar meios para o crescimento; causar, provocar, e também possui carga neutra em relação à acusação.

Alternativa D está incorreta, pois “Litígios” (que significa controvérsia, conflito) até pode manifestar valor negativo, mas não se alia ao sentido de acusação.

Alternativa E está incorreta, pois “Insanidade” denota loucura. O entrevistado usou “insanidade” por exemplo como emissão de um juízo de valor dele. Ele justifica o fato de o STF



precisar fazer muitas intervenções, porque a Constituição é muito detalhista. Porém, para alguns, “intervenção” pode ser considerado sinônimo de “usurpação”.

Gabarito: A

Nota

CONFERÊNCIA

O sociólogo Michel Löwy dará uma conferência na terça-feira, às 14h30, no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (av. Professor Luciano Gualberto, 374, SP). Informações pelo tel. 011/818-3919.

*Folha de São Paulo, 12/10/1997. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs121019.htm> >
Acesso em 08 abr.2019.*

Notícia

Prefeitura de São Paulo assina escritura de terreno do Parque Augusta

Depois de muitas idas e vindas, a Prefeitura de São Paulo assinou no último sábado (06) a escritura do terreno do futuro parque Augusta.

A previsão é que o espaço de vinte e quatro mil metros quadrados seja entregue à população no ano que vem.

Um acordo celebrado em setembro entre o município, Ministério Público estadual e as construtoras Cyrela e Setin possibilitou a doação da área por elas. Prefeito de São Paulo, Bruno Covas, diz que as empresas também têm algumas obrigações. “São responsáveis pela construção do parque e vão repassar recursos à Prefeitura para que a gente possa fazer a manutenção do parque”, diz.

Apesar disso, as construtoras não vão sair de mãos abanando. O promotor Silvio Marques explica que existe um instrumento do plano diretor da cidade que dá direitos e compensações às empresas. “As empresas pagaram por esse terreno, então elas têm que ter algum direito. O que elas iriam construir aqui, vão construir em outro lugar”, explica.

O parque deverá ter equipamentos para ginástica, esportes urbanos, espaço para passeio de cachorros, além da área de mata atlântica preservada.

Originalmente, o terreno contemplou as sedes colégios Des Oiseaux e Santa Mônica, com atividades encerradas na década de mil novecentos e sessenta.

* As informações são do repórter Tiago Muniz



Jovem Pan - 08/04/2019. Disponível em < <https://jovempan.uol.com.br/programas/jornal-da-manha/prefeitura-de-sao-paulo-assina-escritura-de-terreno-do-parque-augusta.html>> Acesso em 08 abr.2019.



Normalmente, as notícias se focam em responder a algumas perguntas sobre o fato noticiado. Ainda que não precise seguir essa ordem especificamente, as notícias tendem a expor informações que respondam a:

O quê?
Quem?
Quando?
Onde?
Como?
Por quê?

Release

Fragmento do release do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, anunciando a retomada de atividades do museu que estava fechado há anos:

Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Após o período de restauro, instituição reabre com novo plano museológico, exposição de longa duração e agenda diversificada de programações culturais

Com reinauguração realizada em maio de 2014, o Museu da Imigração, instituição da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, reabriu suas instalações com novo plano museológico e exposição de longa duração, completamente reformulada. O prédio, tombado pelo Conpresp e pelo Condephaat, passou pelo primeiro restauro completo desde que teve sua construção finalizada, em 1888, com investimento de R\$ 20 milhões do Governo do Estado de São Paulo. Sediado no edifício da antiga Hospedaria do Brás - patrimônio público e importante ícone da história do estado e da cidade de São Paulo – o Museu da Imigração retoma as atividades com o objetivo de compreender e refletir o processo migratório a partir da história das 2,5 milhões de pessoas, de mais de 70 nacionalidades, que passaram pelo prédio entre os anos de 1887 e 1978.

A visita ao Museu inclui os espaços expositivos, jardim, café e área de convivência. O MI contará também com o ACESSA SP, programa de inclusão digital que disponibilizará oito estações com computadores para acesso gratuito e livre à internet. A parceria com o programa busca fomentar a interação da população com as novas tecnologias da informação e comunicação, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural,



intelectual e econômico de paulistas e das comunidades de imigrantes, migrantes e descendentes. A Maria Fumaça, gerida pela Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, permanece com saídas regulares e pagas.

Para a retomada das atividades, o MI preparou uma programação cultural que contempla diversos públicos. A agenda conta com apresentações de teatro, dança, música, oficinas e palestras sobre o patrimônio relacionado aos processos migratórios ligados à São Paulo. A localização do Museu - entre a Mooca e o Brás - privilegia o debate que envolve questões relativas à memória da cidade. No entorno, a herança da grande imigração - que ocorreu no fim do século XIX e início do XX - convive com os fluxos contemporâneos e com os traços de outras regiões do País. De acordo com Marília Bonas, diretora executiva da instituição, “a proposta é que o Museu se torne um espaço de articulação, promovendo reflexões sobre a experiência do deslocamento e a construção da identidade paulista a partir de múltiplas origens”.

Assessoria de Comunicação do Museu da Imigração, 11/10/2005. Disponível em <<http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2014/06/release-Museu-da-Imigracao.pdf>> Acesso em 09 abr.2019.



Os próximos dois gêneros são os mais importantes para o vestibular. São os que costumam ser mais utilizados em questões de interpretação de texto.

Interpretativo

Um texto interpretativo trabalha com a análise. Seu objetivo é **se aprofundar em algum assunto e analisa-lo**, buscando cobrir hipóteses de causa e consequência, dados de diversas fontes e leituras críticas do tema, **podendo emitir opinião sobre o objeto tratado**. Podem ser mais longos e mais complexos, dependendo da quantidade de informação levantada para cobrir a análise. São exemplos de textos jornalísticos interpretativos:

Crítica / Resenha

- Análise interpretativa de algum objeto, comumente associada a produtos culturais ou artísticos.
- Exige aprofundamento no tema, buscando informações externas a ele e emissão de juízo de valor.
- Permite informalidade na escrita.

Reportagem

- Aprofundamento da notícia: além de informar, interpreta o fato citado.
- Pode ou não se referir a um fato do tempo presente, ou seja, não se prende à cobertura dos fatos, mas sim à sua análise.
- Maior extensão e multiplicidade de fontes.

Vamos ver exemplos de cada um desses tipos de texto:

Crítica ou resenha

Trecho da crítica de João Felipe Marques à série “O mundo sombrio de Sabrina – Parte 2”:

A segunda parte de O Mundo Sombrio de Sabrina se mostra mais propensa aos moldes da TV aberta americana em uma sequência de episódios com altos e baixos, compondo uma temporada irregular, mas que apresenta estímulos suficientes para agradar o seu público-alvo sem muita dificuldade.

A produção de O Mundo Sombrio de Sabrina é um caso curioso. Originalmente pensada como uma série derivada de “Riverdale”, a bruxaria de Greendale parece cada vez mais distante desta proposta original, ainda que reproduza diversos moldes narrativos e apelos comuns às séries da CW. Esta segunda parte, então, aproveita esta abordagem com menos restrição do que a primeira leva de episódios, que procuravam estabelecer a série como uma obra mais “prestigiosa” do que suas comparações.

Tal execução carrega diversos benefícios que não são nem um pouco desconhecidos do cenário televisivo. Aqueles que apreciam o conforto de acompanhar tramas adolescentes em ambientes fantásticos com certeza irão se sentir envolvidos pelas desventuras de Sabrina na escola de bruxas que domina a primeira metade desta segunda parte. Diversas sequências procuram agradar este público cativo com as típicas dinâmicas luxuriosas entre os atrativos alunos desta escola, com o terceiro episódio marcando um ápice desta estratégia, que pode ser tudo que os fãs querem ver de uma série como esta, ou pode incomodar espectadores que esperam uma abordagem mais madura.

*Observatório do cinema, 05/04/2019. Disponível em
<<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/criticas/criticas-de-series/2019/04/o-mundo-sombrio-de-sabrina-critica-parte-2>> Acesso em 09 abr.2019.*

Reportagem



Trecho da reportagem de Luís Costa, “Com pauta antimanicomial, bloco de carnaval quer desconstruir estigma da loucura”:

“Estou no Hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra aqui pelas mãos da polícia.” Lima Barreto abriu com essas linhas o seu diário no dia 4 de janeiro de 1920, dias depois de ser levado ao Hospício Nacional de Alienados, após crises por consumo excessivo de álcool. Morto em 1922, o escritor, feito estandarte, agora volta ao mesmo lugar, às margens da praia carioca de Botafogo, em meio à folia insana do carnaval.

Lima Barreto é o enredo do Tá pirando, tá pirado, pirou, bloco de carnaval que reúne pacientes (ou usuários, como alguns preferem ser chamados) e profissionais da rede pública de saúde mental do Rio de Janeiro. O “barracão” funciona no Instituto Philippe Pinel, hospital de referência no atendimento a pacientes com quadro psicótico agudo. Foi ali ao lado, no prédio vizinho onde hoje está instalado o Palácio Universitário da UFRJ, que Lima passou seus dias de asilado de manicômio.

Criado há 15 anos na esteira de um duplo movimento – a volta dos carnavais de rua e a reforma psiquiátrica –, o Tá pirando tenta desconstruir estereótipos sobre a loucura. Um dos fundadores do bloco, o psicanalista Alexandre Wanderley cita o conceito de “duplo da doença mental”, do psiquiatra italiano Franco Basaglia (1924-1980), para quem a exclusão não é efeito só dos muros do hospício, mas também da resistência à diferença. “Muitas pessoas ficam admiradas quando percebem a qualidade de uma composição musical ou a participação ativa dos usuários na organização do desfile”, afirma.

Revista Cult, 25/02/2019. Disponível < <https://revistacult.uol.com.br/home/ta-pirando-ta-pirado-pirou-carnaval/> > Acesso em 09 abr.2019.



REPORTAGEM X NOTÍCIA

Reportagem:

- Pauta atemporal.
- Apuração mais profunda, para publicação futura.
- Texto mais longo, com mais detalhes e fontes consultadas.

Notícia

- Pauta factual.
- Apuração mais rápida, para publicação imediata.
- Texto mais curto e mais simples.



Opinativo

Um texto opinativo trabalha com a **visão do autor**. É permitido nesse tipo de texto criticar ou elogiar algo, alguém, uma situação, evento, entre outros. Há duas questões essenciais no texto opinativo: a **autoria**, ou seja, de quem é a opinião transmitida; e o **ângulo**, ou seja, a perspectiva de tempo, lugar de publicação e referência que motiva a escrita. Esses dois elementos é que dão sentido a um texto de opinião. Esses são os tipos mais importantes:

Artigo

- Texto opinativo, normalmente escrito por colaboradores eventuais ou jornalistas convidados.
- Muitas vezes é chamado de artigo de opinião.
- Sua redação é bastante semelhante à de um texto dissertativo, contando com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Crônica

- Texto que equilibra referências a fatos corriqueiros ou eventos que se deram no presente, elaborações filosóficas ou metafóricas e, muitas vezes, elementos narrativos.
- É um tipo bastante popular no Brasil desde o século XIX.
- É escrita em linguagem informal e despretenciosa, gerando aproximação com o público.

Editorial

- Textos que costumam aparecer no início das edições, expondo o posicionamento do jornal e da equipe de jornalistas.
- Por vezes, pode vir intitulado como "Carta ao leitor" ou "Carta do editor".
- São textos normalmente curtos e sintéticos, por vezes apresentando um resumo dos textos da edição.

Vamos ver um exemplo de cada um desses tipos:

Artigo

Trecho do artigo de Marcelo Rech, presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ) e vice-presidente Editorial do Grupo RBS, para o jornal O Globo, "Mark e os jornais":

É sintomático que o mentor e executivo-chefe do Facebook, Mark Zuckerberg, tenha escolhido os jornais para estampar, em anúncios de página inteira no domingo passado, seu pedido de desculpas pela quebra da privacidade de 50 milhões de usuários na entrega de dados à consultoria eleitoral Cambridge Analytica. Por que um dos impérios digitais do planeta, erguido em grande medida pelo desprezo à imprensa profissional, se valeria de nove títulos de edições impressas — três nos Estados Unidos e seis no Reino Unido — para apresentar um inédito mea culpa? A razão pode ser resumida em um objetivo: a busca da credibilidade.



Gradativamente, os jornais deixaram de se posicionar como meios da era pré-internet que divulgavam notícias do dia anterior para, escorados em técnica jornalística e códigos de ética, se transformarem em certificadores da realidade em uma era em que a difusão de informação virou de cabeça para baixo. Com seus anúncios, o que Zuckerberg sinalizou é que, para fazer frente à acelerada corrosão do submundo digital, ele também precisa ancorar a reputação de sua empresa em baías seguras, protegidas do vendaval de bits que varre o planeta e recria a realidade ao gosto do cliente e no engano do freguês.

O Globo, 30/03/2018. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/artigo-mark-os-jornais-22540985>> Acesso em 09 abr.2019.



Crônica é um dos tipos de texto mais comuns no vestibular! Leia com atenção para se acostumar com a linguagem e estilo de escrita.

Crônica

Trecho da crônica “Amor”, de Rachel de Queiroz:

Outro dia liguei o rádio e ouvi que faziam um concurso entre os ouvintes procurando uma definição para amor. As respostas eram muito ruins, até dava para se pensar que nem ouvintes nem locutores entendiam nada de amor realmente; o lugar-comum é mesmo o refúgio universal, que livra de pensar e dá, a quem o usa, a impressão de que mergulha a colher na gamela da sabedoria coletiva e comunga das verdades eternas. O que aliás pode ser verdade.

Mas a ideia de definição me ficou na cabeça e resolvi perguntar por minha conta. Tive muitas respostas. A impressão geral que me ficou do inquérito é que de amor entendem mais os velhos do que os moços, ao contrário do que seria de imaginar. E menos os profissionais que os amadores __digo os amadores da arte de viver, propriamente, e os profissionais do ensino da vida. Vamos ver:

Dona Alda, que já fez bodas de ouro, diz que o amor é principalmente paciência. Indaguei: e tolerância? Ela disse que tolerância é apenas paciência com um pouco de antipatia. E diz que amor é também companhia e amizade. E saudade? [...] Não. Afinal, o amor não vai embora. Apenas envelhece, como a gente.

Conti Outra, 11/005/2015. Disponível em <<https://www.contioutra.com/amor-uma-cronica-de-rachel-de-queiroz/>> Acesso em 09 abr. 2019.

Editorial



Trecho do Editorial da Revista IstoÉ sobre a retomada de diálogo entre os EUA e Cuba, intitulado “Obama faz história”:

O histórico reatamento das relações dos EUA com Cuba estabelece uma nova ordem no tabuleiro da diplomacia global. Como último resquício da Guerra Fria, o bloqueio político e econômico convertia a ilha de Fidel em um território inexpugnável do comunismo, umbilicalmente dependente dos russos e de países simpatizantes do bolivarianismo, como a Venezuela, que ainda enxergam os EUA como o inimigo a ser vencido. Na jogada de mestre para normalizar as relações, Obama tenta uma nova abordagem que pode pôr fim a décadas de animosidade na região, com reflexos positivos para todos os envolvidos. O embargo econômico ainda deve vigorar por mais algum tempo – afinal, só pode ser derrubado pelo Congresso americano –, mas a simples sinalização de entendimentos de lado a lado encoraja o mundo a imaginar que uma era de diálogo propositivo está se iniciando no concerto das nações. [...] Os sinais dados até aqui pelos dois líderes são animadores não apenas como demonstração do fim das hostilidades. Além de liberarem presos políticos e discutirem o restabelecimento das embaixadas já a partir do próximo ano, eles vão emanar esforços conjuntos para a retomada, no mais curto espaço de tempo, das transações comerciais e financeiras entre os dois países, com reflexos difusos pelo mundo todo, Brasil inclusive. Um grande marco.

IstoÉ, 19/12/2014. Disponível em <https://istoe.com.br/397602_OBAMA+FAZ+HISTORIA/> Acesso em 09 abr. 2019.



Você sabe o que é uma **coluna**?

Coluna é um espaço redigido sempre pela mesma pessoa (ou grupo de pessoas) – o que faz com que ela normalmente seja assinada. Pode ser publicada em qualquer meio, desde que com regularidade (diária, semanal ou mensal).

Pode tratar de temas variados.

Expressa o ponto de vista do autor dos textos, que pode mesmo escrever em primeira pessoa. **Os textos opinativos costumam aparecer nas colunas.**

Há dois tipos principais de colunas:

- **Coluna de autor:** coluna escrita sempre pela mesma pessoa, tratando de temas variados.
- **Coluna temática:** coluna escrita por uma ou mais pessoas, tratando sempre do mesmo tema.



EXEMPLO:

Noticiar quem foi o candidato vencedor da última eleição, **é informativo.**

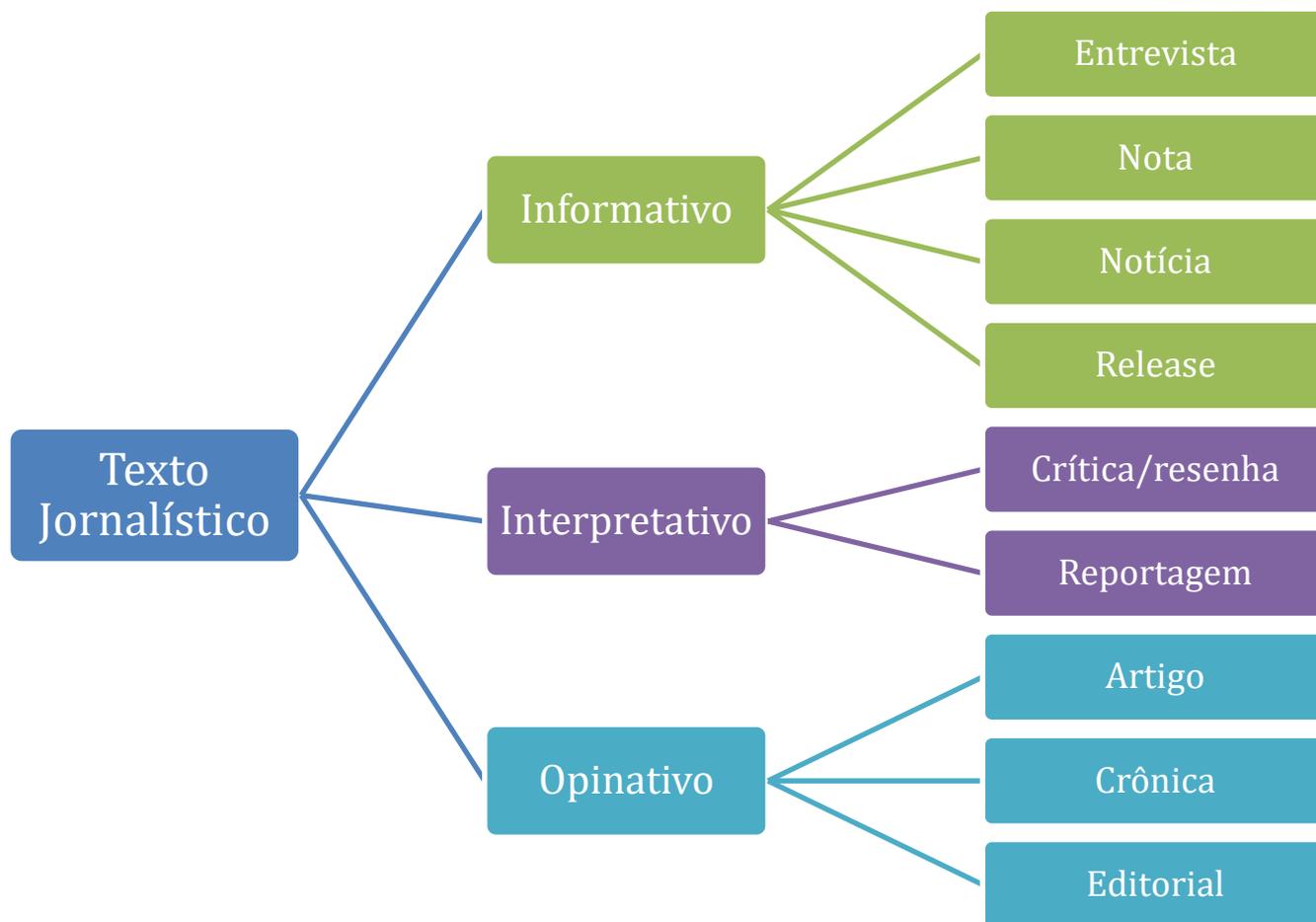
Elogiar ou criticar o candidato eleito, **é opinativo.**

Analisar as causas que levaram à eleição de um candidato e quais os impactos dessa eleição, **é interpretativo.**



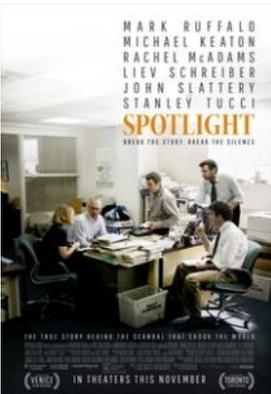
Você precisa ter sempre em mente essa divisão dos gêneros do texto jornalístico, pois você deve ser capaz de identificar quando um texto tem por objetivo **informar sobre um assunto** ou **opinar sobre um assunto.**

Não é só porque você leu um texto jornalístico em algum veículo que ele se torna automaticamente isento de opinião.



HORA DO FILME

Alguns filmes que mostram os processos de criação de textos jornalísticos.

<p>Spotlight: Segredos Revelados (Dir.: Thomas McCarthy, 2015)</p>  <p>Baseado no caso real de um grupo de jornalistas que investiga o abuso de crianças por padres católicos nos EUA. O filme mostra todo o processo de levantamento de dados e fontes para a feitura da matéria.</p>	<p>O abutre (Dir.: Dan Gilroy, 2014)</p>  <p>História de um jovem no submundo do jornalismo criminal: ele busca crimes, acidentes e todo tipo de imagem chocante para registrar e vender para veículos de comunicação. Mostra como funciona a mídia sensacionalista, também chamada de imprensa marrom.</p>
--	--

Todos os homens do presidente (Dir.: Alan J. Pakula, 1976)



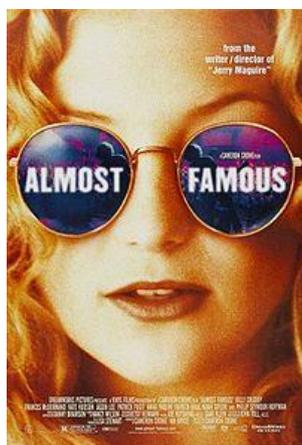
História de dois repórteres rivais, que trabalham no jornal Washington Post, investigando um roubo à sede do Partido Democrático. Mostra como funciona a investigação a partir de fontes anônimas e os riscos do jornalismo investigativo.

Cidadão Kane (Dir.: Orson Welles, 1941)



O filme apresenta o funcionamento dos grandes impérios de comunicação ao contar a história de um jornalista intrigado pela vida do magnata da imprensa Charles Foster Kane. Também mostra como funciona o trabalho investigativo a partir de entrevistas no jornalismo. É considerado o melhor filme da história do cinema.

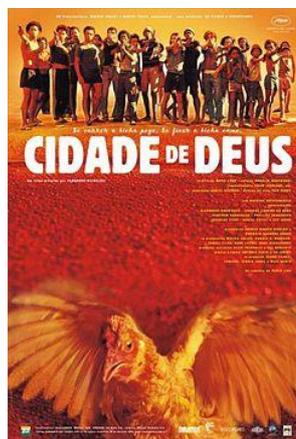
Quase famosos (Dir.: Cameron Crowe, 2000)



Adolescente de 15 anos nos anos 1970 que sonha em ser jornalista realiza um sonho: acompanhar a turnê de uma banda de rock para registrar o vento para uma das revistas mais importantes de música de todos os tempos, a Rolling Stone. Mostra como são feitas reportagens longas, produzidas a partir da

imersão do jornalista.

Cidade de Deus (Dir.: Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002)



O filme mostra a história de dois conhecidos de infância, criados em uma favela do Rio de Janeiro, cujas vidas tomam caminhos diferentes: Zé Pequeno se torna traficante de drogas e Buscapé, fotógrafo que registra o dia a dia das comunidades. Mostra como é o trabalho de um

fotojornalista.

2 – Reportagem

A **reportagem** é o texto jornalístico interpretativo mais importante para os vestibulares. Apesar de poder ser veiculada em diversos meios de comunicação, aqui nos interessa aprofundar nas reportagens escritas, veiculadas em jornais, revistas e, principalmente hoje em dia, internet.

Ao mesmo tempo que deve ser fonte de informação, uma reportagem também tem um papel importante enquanto **formadora de opinião**. Por expor uma opinião aprofundada e fundamentada em dados e fontes, uma reportagem ajuda os leitores a compreender os assuntos e, assim, elaborar sua opinião sobre eles.

As suas principais características são:

- Serem textos mais longos, com marcas do estilo pessoal de escrita e opinião do repórter responsável.
- Os textos costumam ser **assinados** pelo autor.
- Podem ser escritos tanto em **primeira** quanto em **terceira pessoa**.



- Levam mais tempo para ser elaborado, pois a discussão sobre os temas deve ser mais abrangente, visando **analisar além de informar**.
- Pode contar com entrevistas, dados estatísticos e científicos, opiniões textuais do autor, pesquisa, além de elementos visuais como fotografias, infográficos, ilustrações, gráficos, entre outros. **Principalmente nas reportagens online, a comunicação visual é essencial.**



ACORDE!!

É importante observar a parte **gráfica**, ou seja, a comunicação visual quando for interpretar uma reportagem. Identificar o que está em destaque e por que motivo é importante para otimizar o tempo de prova. **Saber encontrar as informações em um texto é o primeiro passo para interpretá-las.**

- Apesar de não haver regra fixa, os temas abordados costumam ser de interesse social, político ou econômico. Também é comum haver reportagens contando a trajetória de pessoas de destaque, cujas histórias sejam de interesse do público por algum motivo. O importante é que, **mesmo que o tema não fale sobre eventos do presente, ele deve ser relevante para o presente.**
- Pode trabalhar tanto com uma linguagem subjetiva quanto objetiva, mais formal ou mais simples, a depender do estilo do jornalista e do meio de comunicação a que se destina.

Para pautar a análise desse tópico, observe o trecho inicial de uma reportagem a ser interpretada na prova do IME-2013. Vamos acessá-la como exemplo ao longo da explicação:



A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

- 1º As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.
- 2º Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.
- 3º O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

2.1 - Estrutura

Uma reportagem costuma seguir uma estrutura fixa de composição, dividida em quatro elementos essenciais: **manchete**, **subtítulo**, **lide** e **corpo da reportagem**. Vamos ver melhor cada uma delas:

Manchete

O título da reportagem é chamado de **manchete**. Normalmente, ela vem destacada de alguma maneira. Pode ser marcada em negrito ou em letras maiores, por exemplo. Repare como ela foi destacada na diagramação da prova:

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A manchete foi apresentada em caixa alta e negrito. Além disso, o nome da jornalista que redigiu e a data de publicação da reportagem foram incluídos. Possivelmente, na publicação do site de origem essas informações estavam abaixo da manchete, acompanhando o design do site.

A manchete deve:

- Chamar a atenção do leitor;
- Resumir o assunto da reportagem;
- Gerar interesse, para que o leitor decida se deseja ou não ler o restante.





Cuidado com a leitura da manchete. Por vezes, ela é escrita para chamar a atenção ou causar um estardalhaço e pode **não refletir corretamente o que está no texto**.

Por isso, ler apenas a manchete é perigoso para a interpretação. Não confie apenas nela na hora de responder questões.

Subtítulo

Essencialmente, o **subtítulo** complementa informações da manchete. Como a manchete deve ser curta e objetiva, não há espaço para colocar todas as informações necessárias para despertar o interesse do leitor. É no subtítulo que se encontram elementos para complementar aquilo que foi dito anteriormente.



No subtítulo estão muitas **palavras-chave** que podem ajudar a interpretar o texto.

Palavras-chave são termos que se repetem bastante no texto e que podem ajudar a delimitar o tema sobre o qual se tratará a seguir. Por isso, perceber quais as palavras mais importantes para a reportagem podem dar uma direção para o entendimento do texto.

Observe o subtítulo na prova:

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da
humanidade – e não só para a matemática.

O subtítulo apresenta algumas das palavras-chave que dão conta de resumir o assunto do texto:

- Invenção: o processo pelo qual a ideia abstrata de “nada” e torna concreta no número zero.
- Zero: o número que é tema central da reportagem.
- Aventuras intelectuais: os vários campos em que o zero é aplicado.

Lide

Lide é uma palavra importada do inglês *lead*, que significa “comando”. Ele funciona como uma espécie de introdução, resumindo as informações do texto. Lembre-se disso na hora de interpretar um texto jornalístico! **Muitas vezes, os dados mais importantes estarão logo nos primeiros parágrafos**. De modo geral, um lide pode ser feito de três modos:



- **Informativo:** contando com os elementos mais importantes da reportagem, a partir do seu grau de importância. Se assemelha bastante à estrutura das notícias.
- **Direto:** introduz o assunto sem rodeios, por vezes com frases de efeito.
- **Narrativo:** cria uma sequência dramática. Nesses casos, o clímax do parágrafo é o próprio assunto da matéria. Esse foi o caso do lide do texto que estamos analisando: a autora conta algumas “passagens da vida” do número zero para introduzir dramaticamente o assunto.

1º As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisséia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.



Muitas vezes no jornalismo utiliza-se a expressão **pirâmide invertida** para descrever a estrutura das reportagens. Isso significa que é comum que **as informações mais importantes estejam no início do texto.**



Corpo da reportagem

O corpo da reportagem é o desenvolvimento do texto em si. É aqui que serão apontados os pontos mais importantes acerca do assunto. Não se esqueça que uma reportagem vai além de apenas informar: ela precisa interpretar os fatos a partir de dados. São textos mais longos. O texto nosso texto de apoio, na prova do IME, possuía 16 parágrafos!

Algumas informações extra-assunto podem ser acessadas para compor uma reportagem:

- Dados de pesquisa: aqui podem entrar dados de institutos especializados (como Datafolha, Voxpopuli, IPEA e IBGE) ou de pesquisas acadêmicas, realizadas por grupos de pesquisa de grandes universidades.
- Documentos: públicos ou não, que o jornalista tenha tido acesso, para comprovar o ponto levantado.
- Fontes testemunhais: pessoas que estiveram presentes nos eventos e podem relatar sua vivência ao jornalista.
- Fontes oficiais: declarações oficiais dos próprios envolvidos no assunto.
- Especialistas: pessoas que estudam o assunto e possuem amplo conhecimento sobre ele.

Perceba como isso apareceu no texto de apoio que estamos utilizando:

- 2º Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.
- 3º O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

Outro dado importante é que a reportagem precisa contar com elementos **visuais** para chamar a atenção do leitor. Como são textos longos, essas pausas são importantes para que o leitor não fique disperso. **Numa prova, é muito importante observar esses dados, pois muitas respostas podem estar na junção de informações visuais e textuais!**

Podem ser informações visuais:

- Fotografias: podem ser apenas ilustrativas ou conterem informações a serem apresentadas.
- Gráficos: apresentam os dados de forma concreta para que o leitor compreenda melhor os detalhes.
- Ilustrações: charges ou imagens que acompanham a reportagem.
- Infográficos: textos visuais que associam palavras, imagens, sons, hiperlinks, entre outros, com o objetivo de esquematizar a informação.





REPORTAGEM

Manchete curta e objetiva.

Subtítulo visando aumentar o interesse do leitor e complementar a manchete.

Lide: primeiro parágrafo da reportagem, resumindo os aspectos mais importantes e as informações essenciais. Deve capturar o leitor também pelo estilo de escrita, que já ficará claro aqui.

Corpo da reportagem: o restante do texto, com as informações apresentadas de maneira detalhada. Aqui entram também os dados e citações, além de elementos gráficos que garantem boa comunicação visual.

“Citações em destaque podem comunicar bem visualmente”



Gráficos, infográficos e ilustrações também ajudam a comunicar visualmente.



Vamos ver como isso pode cair numa prova de vestibular:

(UNICAMP – 2018)

Numa entrevista ao jornal El País em 26 de agosto de 2016, o jornalista Caco Barcellos comenta uma afirmação sua anterior, feita em um congresso de jornalistas investigativos, de que novos profissionais não deveriam “atuar como porta-vozes de autoridades”.

“Tenho o maior encanto e admiração e respeito pelo jornalismo de opinião. O que critiquei lá é quando isso vai para a reportagem. Não acho legítimo. O repórter tem o dever de ser preciso. Pode ser até analítico, mas não emitir juízo. Na reportagem de rua, fico imbuído, inclusive, de melhor informar o meu colega de opinião. Se eu não fizer isso de modo preciso e correto, ele vai emitir um juízo errado sobre aquele universo que estou retratando. E não só ele, mas também o advogado, o sociólogo, o antropólogo e mais para frente o historiador (...) Por exemplo, essa matança que a polícia militar provoca no cotidiano das grandes cidades brasileiras – isso é muito mal reportado pela mídia no seu conjunto. Quem sabe, lá no futuro, o historiador não passe em branco por esse momento da história. Não vai poder dizer ‘olha, os negros pobres do estado mais rico da federação estão sendo eliminados com a frequência de três por dia, um a cada oito horas’. Se o repórter não fizer esse registro preciso e contundente, a cadeia toda pode falhar, a começar pelo jornalista de opinião.”

(“Caco Barcellos: ‘Erros históricos nascem da imprecisão jornalística’”. El País. 26/08/2016. Entrevista concedida a Camila Moraes. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/19/cultura/1468956578_924541.html. Acessado em 13/07/2017.)

De acordo com a posição defendida por Caco Barcellos com relação a seus leitores, uma reportagem exige do jornalista

- a) conhecimento preciso do assunto, uma vez que seu objetivo é convencer o leitor a concordar com o que escreve para evitar que ele cometa erros.
- b) investigação e precisão no tratamento do assunto, porque ela vai servir de base a outros artigos, permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões.
- c) investigação e precisão na abordagem dos fatos, já que ele também emite seu juízo sobre o assunto, conduzindo o leitor a aceitar a história que narra.
- d) conhecimento preciso dos fatos tratados, para que, no futuro, o leitor seja levado a crer que o repórter registrou sua opinião de forma equilibrada.

Comentários: Para Caco Barcellos, ainda que a reportagem tenha o compromisso de analisar, ela não deve emitir opinião sobre o assunto. É preciso expor os fatos com profundidade e celeridade para que o leitor possa, a partir da análise, formar sua opinião. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

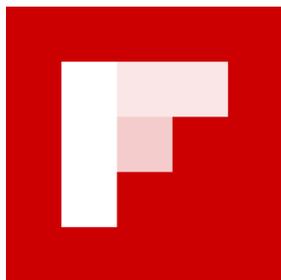
A alternativa A está incorreta, pois não é preciso conhecimento profundo por parte dos jornalistas. Eles devem acessar os especialistas no assunto para redigir a reportagem.

A alternativa C está incorreta, pois o repórter não deve emitir juízo de valor sobre o tema.

A alternativa D está incorreta, pois o repórter não registra sua opinião, mas sim analisa os fatos.

Gabarito: B





Em ano de vestibular, com todas as matérias que você precisa estudar, pode ser difícil encontrar um tempinho para se manter atualizado com os acontecimentos do mundo.

Um bom jeito de se manter atento às notícias é o aplicativo **Flipboard**. Ele agrega conteúdos de jornais, revistas e mídias sociais e cria um feed personalizado com os seus veículos de preferência.

Além disso, você pode criar pastas por assunto e por matéria. Imagine criar uma pasta só com assuntos referentes a atualidades, por exemplo?

Considere baixar um aplicativo de notícias! Assim, você consegue ler em qualquer lugar e a partir do celular, otimizando muito seu tempo!

3 – Crônica

Outro gênero de grande destaque nos vestibulares é a **crônica**. A crônica é um gênero híbrido, que oscila entre a **literatura** (ficcional) e o **jornalismo** (não ficcional). Apesar de poder ser publicada posteriormente em livros, ela é comumente veiculada primeiro nos veículos de imprensa. Justamente por ser veiculada nos jornais e revistas, ela é considerada como parte do texto jornalístico.

Apesar de ser uma elaboração ficcional, ela parte de fatos do cotidiano. Pode partir tanto de notícias (fatos datados) quanto de situações corriqueiras ou acidentais. O importante é que seu tema **parte do cotidiano e é reelaborado de forma narrativa**. Veja esse exemplo do trecho inicial da crônica que foi texto de apoio no vestibular do ITA de 2018, “A arte de envelhecer”:

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

A palavra crônica vem do grego *krónos*, que significa “tempo”. Ela se relaciona, portanto, com acontecimentos situados em algum lugar do tempo e espaço. Por isso, no tempo das expansões marítimas, quando os navegadores registravam suas viagens, os relatos eram chamados de **Crônicas**



de viagem: partiam de um acontecimento situado em tempo e espaço específicos para narrar uma situação.

Uma crônica não trata, porém, apenas da narrativa de um fato. Ela também expõe reflexões filosóficas, pensando de maneira crítica o significado dos eventos e a que outras ideias eles são relacionados pelo autor.

A questão mais importante a se atentar quando interpretar uma crônica é o fato de que ela se pauta muito nos **efeitos de sentido do texto**. Por ser ligada à opinião pessoal do autor, ela pode conter ironias e trabalhar na chave do humor. Na maior parte das vezes, as crônicas serão um **retrato bem-humorado** de algum fato cotidiano.

**LEMBRANDO!**

Lembre-se do que vimos na aula anterior, sobre efeitos de sentido do texto!

- **Ambiguidade**
Ocorre quando um mesmo vocábulo ou expressão pode ser interpretado de mais de uma maneira.
- **Duplo sentido**
Ocorre quando as palavras e expressões utilizadas possuem diferentes interpretações.
- **Ironia**
Consiste em utilizar uma palavra ou expressão, atribuindo-lhe diferente sentido ou significado de acordo com o contexto.
- **Humor**
Reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação.



O objetivo da crônica é entreter o leitor ao mesmo tempo que o leva a refletir criticamente sobre a vida e os acontecimentos.

As suas principais características, portanto, são:

- São textos mais **curtos**, porém bastante marcados pelo estilo de escrita do cronista.
- Os textos devem ser **assinados** pelo autor, ou seja, é importante muitas vezes para o entendimento do texto que se saiba quem o escreveu.
- Descrevem fatos e eventos da **vida cotidiana**, podendo fazer referências a notícias e eventos contemporâneos.

- Tem, em sua maioria, aspectos **narrativos**.
- Quando contém uma narração, faz uso de **poucos ou nenhum personagem**, muitas vezes usando apenas as impressões do narrador.
- Podem ter traços **humorísticos, satíricos** ou até mesmo **críticos**.
- A linguagem é mais simples, próxima da **oralidade** e da **coloquialidade**, criando diálogo com o leitor.



CRÔNICA X ARTIGO DE OPINIÃO

Crônica

- Normalmente de gênero narrativo.
- Apresenta as impressões pessoais.
- Quer expor um ponto e provocar a reflexão.

Artigo de opinião

- De gênero argumentativo.
- Apresenta uma ideia embasada em argumentos.
- Quer convencer o leitor de que seu ponto de vista está correto.

Quanto aos tipos de crônica, há alguns que costumam cair mais nos vestibulares:

- **Descritiva:** texto descritivo que explora a caracterização de alguém ou se alguma situação. É como uma fotografia.

Ex.: Trecho inicial da crônica “Um muro para pichar”, de André Luiz Alvez, que foi texto de apoio do ITA 2019:

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

- **Histórica:** relato de algum acontecimento que tem espaço e tempo bem definidos.

Ex.: Trecho inicial da crônica de Machado de Assis de 19 de maio de 1888, publicada na Gazeta de Notícias, sobre a abolição da escravatura.



Bons dias!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, *post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta Lei de 13 de Maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia a que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Disponível em < <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica?start=12>> Acesso em 11 abr. 2019.

- **Humorística:** texto cujo principal objetivo é trazer uma visão cômica dos fatos.

Ex.: Trecho inicial da crônica “Desabafos de um bom marido”, de Luis Fernando Veríssimo.

Minha mulher e eu temos o segredo para fazer um casamento durar: Duas vezes por semana, vamos a um ótimo restaurante, com uma comida gostosa, uma boa bebida e um bom companheirismo.

Ela vai às terças-feiras e eu, às quintas.

Nós também dormimos em camas separadas: a dela é em Fortaleza e a minha, em SP.

Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/humor/1512866>> Acesso em 11 abr. 2019.

- **Jornalística:** parte de notícias para elaborar textos mais descontraídos e informais. A mais comum hoje em dia é a crônica esportiva.

Ex.: Trecho inicial da crônica “O fim da superstição”, de Flavio Prado, na Gazeta Esportiva

O Brasil vai usar novamente a camisa branca, banida dois anos após a derrota de 1950 para o Uruguai, dentro do Maracanã. A derrota que aumentou de intensidade a cada ano, virando um trauma nacional, deixou marcas incríveis na história do nosso futebol. A vitória de 1958 mudou o patamar da nossa história e aumentou a maldição contra os grandes jogadores de 1950. E a camisa branca também sumiu.

Agora ela volta dando sinais de que as coisas “sobrenaturais”, desapareceram dos prédios da CBF. [...]

Disponível em < <https://blogs.gazetaesportiva.com/flavioprado/2019/04/08/o-fim-da-supersticao/>> Acesso em 11 abr. 2019.

- **Narrativa:**



Ex.: Trecho inicial da crônica “Diploma não é a solução”, de Rubem Alves, que foi texto de apoio do ITA 2016.

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos ...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

- **Poética (ou lírica):** crônica de linguagem poética, focada nos sentimentos e nas emoções.

Ex.: Trecho inicial da crônica “Das vantagens de ser bobo”, de Clarice Lispector, que foi texto de apoio da prova do IME 2018.

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: “Estou fazendo. Estou pensando.”.

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoiévski.

Veja esse exercício que compara os conceitos de crônica e reportagem

(UNESP – 2016)

Leia o seguinte verbete do Dicionário de comunicação de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

Crônica

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “paira” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal



(onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(Dicionário de comunicação, 1978.)

Segundo o verbete, uma característica comum à crônica e à reportagem é

- a) a relação direta com o acontecimento.
- b) a interpretação do acontecimento.
- c) a necessidade de noticiar de acordo com a filosofia do jornal.
- d) o desejo de informar realisticamente sobre o ocorrido.
- e) o objetivo de questionar as causas sociais dos fatos.

Comentários: A crônica, assim como a reportagem, parte de um acontecimento real, do cotidiano, para uma elaboração mais aprofundada sobre o assunto: a reportagem, analisando e interpretando-o e a crônica, opinando sobre ele. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

ATENÇÃO: Ainda que a resposta estivesse no texto e essa questão fosse interpretativa, seria possível responde-la lembrando dos conceitos de cada um dos gêneros.

A alternativa B está incorreta, pois a crônica não interpreta um acontecimento, mas sim opina sobre ele.

A alternativa C está incorreta, pois quem deve noticiar de acordo com a filosofia do jornal é o editorial.

A alternativa D está incorreta, pois informar realisticamente cabe à notícia.

A alternativa E está incorreta, pois é função da reportagem questionar causas e consequências.

Gabarito: A

4 – Exercícios

Antes de iniciar os exercícios, aqui vão algumas informações:

- Os textos a serem interpretados são bastante longos. Optamos por manter os textos na íntegra porque é importante que você se habitue à leitura de textos mais extensos.
- Diferente das outras aulas, não há indicação da faculdade e ano antes das questões, mas sim antes do(s) texto(s) a que elas se referirem.
- Estará indicado ao lado do número de cada texto a qual gênero eles pertencem. Apesar de não aparecer assim na prova, é importante que você fixe os conceitos. Assim, para fins didáticos, optamos por adicionar essa indicação.
- As únicas alterações produzidas nas questões foram a numeração dos textos.



4.1 – Lista de Exercícios

(IME - 2018)

TEXTO 1 - CRÔNICA

DAS VANTAGENS DE SER BOBO

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017. Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.



1. Considere o trecho abaixo, retirado do texto 1:

“Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem”

A autora discorre sobre a posse de um saber. A respeito desse saber, podemos afirmar que

- a) os bobos que se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria que os espertos deveriam ter.
- b) os bobos que aparentemente se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria dos espertos.
- c) os bobos, por serem naturalmente criativos, comprovam possuir a sabedoria necessária para vencer.
- d) os bobos, por serem naturalmente criativos, não permitem que ninguém desconfie de sua dissimulada esperteza, que nada mais é do que produto de sua criatividade; assim definimos sua estratégia para vencer na vida.
- e) os bobos acabam por se tornar espertos e, por isso, ganham as lutas da vida, já que não se importam que “saibam que eles sabem”.

2. Sobre as considerações a respeito de ser esperto vs. ser bobo encontradas no texto 1, assinale o par de análises que destoa das considerações feitas pela autora.

- a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.
- b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.
- c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.
- d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.
- e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

(IME - 2015)

TEXTO 2 - CRÔNICA

O MENINO QUE TINHA MEDO DE POESIA

(Pedro Gabriel – Março de 2014)

– Mãe, acho que tem um poema debaixo da minha cama!

Quando menino, a poesia me assustava. Parecia ter dentes afiados, pernas desajeitadas, mãos opressoras. E nem as mãos da professora mais dócil conseguiam me acalmar. Não compreendia uma palavra, uma metáfora, uma rima pobre, rica ou rara. Não entendia nada. Tentava adivinhar o que o poeta queria dizer com aquela frase entupida de imagens e sentidos subjetivos. Achava-me incapaz de pertencer àquilo. Não conseguia mergulhar naquele mundo. Eu, sem saber nadar em versos, afogava-me na incompreensão de um soneto; ela – a tão sagrada poesia – não me afagava e me deixava morrer na praia, entre um alexandrino e um heptassílabo.

Toda vez que eu era obrigado a decorar poesia, sentia vontade de sumir, de virar um móvel e ficar imóvel até tudo se acabar. Por dentro, sentia azia, taquicardia, asma espontânea, tremelique e gagueira repentina. Por fora, fingia que estava tudo bem. Eu sempre escolhia o



poema mais curto da lista que a escola sugeria. Naquele dia, sobrou Pneumotórax, de Manuel Bandeira, e eu queria ser aquele paciente para não precisar declamá-lo. Eu queria tossir, repetir sem parar: trinta e três... Trinta e três... Ter uma doença pequena, uma desculpa qualquer, um atestado médico assinado pelo meu avô que me deixasse em casa – não a semana toda, mas só o tempo da aula.

Depois, para a prova de francês, não tive escolha: fui obrigado a decorar *Le dormeur du Val*, de Rimbaud. Eu lembro que, antes de ficar em pé de frente para o meu professor, eu queria que alguém me desse dois tiros no peito. Queria ser esse soldado e dormir, tranquilo, na paz celestial daquele vale até que a turma toda esquecesse a minha existência. Ou que a guerra fosse declarada finda. Ou que eu fosse declamado culpado. A Primeira Guerra Mundial parecia durar menos do que aqueles 15 minutos de exame. Minha boca está seca até hoje. Minhas mãos estão molhadas até agora. Só eu sei o que suei por você, querida Poesia.

Aos 17, a poesia ainda me apavorava. Podia ser o verso mais delicado do mundo, eu tinha medo. Podia ser o poeta mais simpático da face da Terra, eu desconfiava. Desconversava, lia outra coisa. Ou não lia nada. Talvez por não querer entendê-la. Talvez por achar não merecê-la. E assim ficava à mercê da minha rebeldia. Não queria aprender a contar sílabas, queria ser verso livre. Tolo! Até a liberdade exige teoria!

Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-lhe que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças. Que se ela o assusta é porque ela o deseja. Que se ele sente medo é porque ele precisa dela. Não há mais monstro debaixo da sua cama. O monstro agora está em você.

- Filho, acho que tem um poema por dentro de quem você ama...

Disponível em: . (texto adaptado) Acesso em: 29 Abr 2014

3. Observe os fragmentos em destaque:

“– Mãe, acho que tem um poema debaixo da minha cama!” (1º parágrafo)

“– Filho, acho que tem um poema por dentro de quem você ama...” (7º parágrafo)

O jogo de ideias criado em forma de diálogo pode ser interpretado como:

- a) a resposta da mãe aos questionamentos do seu filho, o protagonista, acerca do medo da poesia.
- b) ideia subentendida sobre real mudança positiva na relação entre o protagonista e a poesia.
- c) apenas uma forma estilística de introduzir e concluir o texto, sem grande significado.
- d) constatação de que o medo de poema do protagonista se transformou em medo de amar.
- e) evidência de que o medo de poesia do protagonista nunca existiu.

(IME – 2014)

TEXTO 3 – REPORTAGEM

Escher, o gênio da arte matemática

Com a ajuda da geometria, nada é o que aparenta ser no trabalho surpreendente do artista holandês.

Você já deve ter visto pelo menos uma das gravuras do artista gráfico holandês M. C. Escher. Elas já foram reproduzidas não só em dezenas de livros de arte, mas também na forma de pôsteres, postais, jogos, CD-ROMs, camisetas e até gravatas. Caso não se lembre, então você não viu nenhuma. Olhar para as intrigantes imagens criadas por Escher é uma experiência inesquecível. Tudo o que nelas está representado nunca é exatamente o que parece ser. Há,

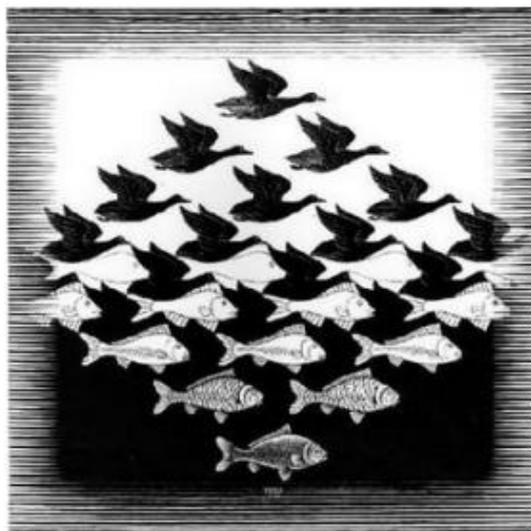


em todas elas, sempre uma surpresa visual à espera do espectador. Isso porque, para ele, o desenho era pura ilusão. A realidade pouco interessava. Antes, preferia o contrário: criar mundos impossíveis que apenas parecessem reais. Eis porque acabou se tornando uma espécie de mágico das artes gráficas.

Seus desenhos, porém, não nasciam de passes de mágica, nem somente de sua apurada técnica de gravador. Sua obra está apoiada em conceitos matemáticos, extraídos especialmente do campo da geometria. Essa era a fonte de seus efeitos surpreendentes. Foi com base nesses princípios que Escher subverteu a noção da perspectiva clássica para obter suas figuras impossíveis de existir no espaço "real". Aliás, desde o começo, essa condição essencial do desenho, que é a representação tridimensional dos objetos na inevitável bidimensionalidade do papel. Brincou com isso o mais que pôde. Também há matemática na divisão regular da superfície usada por Escher para criar, de maneira perfeita, suas famosas séries de metamorfoses, onde formas geométricas abstratas ganham vida e vão, aos poucos, se transformando em aves, peixes, répteis e até seres humanos.

Foi essa proximidade com a ciência que deixou os críticos de arte da época de cabelo em pé. Afinal, como classificar o trabalho de Escher? Era "artístico" o que ele fazia ou puramente "racional"? Na dúvida, preferiram silenciar sobre sua obra durante vários anos. Enquanto isso, o artista foi ganhando a admiração de matemáticos, físicos, cristalógrafos e eruditos em geral. Mas essa é outra faceta surpreendente de Escher.

Embora seus trabalhos tivessem forte conteúdo matemático, ele era leigo no assunto. A bem da verdade, Escher sequer foi um bom aluno. Ele mesmo admitiu mais tarde que jamais ganhou, ao menos, um "regular" em matemática. Conta-se até que H.M.S. Coxeter, um dos papas da geometria moderna, entusiasmado com os desenhos do artista, convidou-o a participar de uma de suas aulas. Vexame total. Para decepção do catedrático, Escher não sabia do que ele estava falando, mesmo quando discorria sobre teorias que o artista aplicava intuitivamente em suas gravuras.



Xilogravura: 'Céu e Água I', de 1938.

Foto: The M.C. Escher Company B.V. Baarn, The Netherlands.

GALILEU. Escher, o gênio da matemática. Disponível em: <<http://galileu.globo.com/edic/88/conhecimento2.htm>> Acesso em 05/05/2013.

TEXTO 4 – ARTIGO

Arte estimula o aprendizado de matemática

Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na pintura, nas artes em geral.

Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se expressar plasticamente.

"Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que morreu em 1972.

CIÊNCIA E CULTURA. Arte estimula o aprendizado de matemática. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

4. Assinale a alternativa que traz uma síntese das ideias apresentadas nos textos 3 e 4.

- a) A expressão da matemática está restrita à maneira tradicional de se apresentar essa disciplina nas escolas.
- b) Os livros didáticos de matemática não ajudam a construir conhecimento matemático.
- c) Os artistas dificilmente são capazes de entender e de desenvolver uma equação, embora possam expressar raciocínios de ordem lógica.
- d) Todas as escolas deveriam aliar o prazer concedido pelas artes ao ensino de matemática.
- e) A escola que desvincula as artes da matemática nega aos alunos uma excelente ferramenta para a construção de conceitos lógicos.

5. Quanto ao texto 3, é possível afirmar que

- a) busca desvincular a obra de M. C. Escher da matemática, pois esclarece a ignorância do artista quando era aluno em escolas tradicionais.
- b) possui um movimento argumentativo que vai de encontro ao desejo de quem pretende valorizar a matemática.
- c) coloca em evidência a ligação entre a matemática e a obra de M. C. Escher.
- d) subordina a experiência sublime da arte àquela vivenciada pelo aluno que é competente na matemática, tal como é vivenciada nas escolas, em geral.
- e) desvincula a matemática do fazer artístico por serem campos distintos do conhecimento.



6. Assinale a alternativa que contém uma inferência alheia ao movimento argumentativo do texto 4.

- a) A dificuldade que alguns gênios da ciência apresentam para resolver operações matemáticas pode ser um sinal de que o ensino de matemática deveria ser feito também mostrando a lógica em outras áreas do saber.
- b) Em geral, o ensino de matemática nas escolas costuma ser pouco atraente.
- c) As formas espaciais podem ser consideradas uma expressão plástica da matemática que, desse modo, deixaria de ser percebida como uma linguagem somente traduzível em números.
- d) A literatura, a música e as artes plásticas não abdicam da lógica como comumente se acredita.
- e) Se não fosse possível perceber a matemática que atravessa o trabalho de M. C. Escher, todo o valor de sua obra se perderia.

(IME - 2013)

TEXTO 5 – REPORTAGEM

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é shúnya”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, shúnya significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, shúnya refere-se ao nada, ao vácuo, à



inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo shúnya – que, em árabe, se tornou shifr e foi latinizado para zephirum, depois zéfiro, zefro e, por fim, zero.

Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

“Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios



tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero”, diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. “Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato”, afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava “aquilo que ficou para trás”, como os pingos de chuva depois de uma tempestade. 4 Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial, desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipo de cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro



momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo ($1 - 1 = 0$). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero ($0 \times 4 = 0$). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas ($0 \div 3 = 0$), que não muda seu jeito. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (*Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa*), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2012.

(ADAPTADO)

7. Analise as assertivas a seguir a respeito do texto 5 e marque a alternativa correta:

- I. A personificação do zero dá um caráter lúdico à história narrada.
- II. A origem da palavra zero remete a ideias tais como: vazio, esterilidade e morte.
- III. Os indianos foram os primeiros a usar matematicamente o conceito do zero.

- a) as assertivas I e II são verdadeiras.
- b) as assertivas I e III são verdadeiras.
- c) as assertivas II e III são verdadeiras.
- d) apenas a assertiva I é verdadeira.
- e) nenhuma assertiva é verdadeira.

8. “Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo”. (3º parágrafo)

A ideia contida no trecho acima, sobretudo na palavra em destaque, encontra-se nos fragmentos abaixo, referentes ao texto 5, exceto em:

- a) “Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo” (3º parágrafo).
- b) “o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido” (13º parágrafo).
- c) “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada” (13º parágrafo).
- d) “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang” (16º parágrafo).
- e) “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele” (16º parágrafo).



9. Segundo o texto 5, “O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não existente, nulo” (3º parágrafo). Marque a alternativa que apresente uma ideia distinta daquela a que se associou o substantivo “zero” ao longo dos tempos:

- a) tenebrosidade
- b) insensibilidade
- c) divindade
- d) atratividade
- e) subversividade

10. Assinale a assertiva que está em desacordo com o texto 5:

- a) Os maias associavam o zero à Morte.
- b) Os gregos ficaram desconcertados com a ideia de vazio, por isso não se interessaram pelo zero.
- c) Os babilônios usaram um sistema para calcular que perdura até os dias de hoje.
- d) Há 5.000 anos, contar estava associado à ideia de concretude, assim como a origem do conceito de zero está associada à ideia de abstração.
- e) A ausência do zero não modificaria a história da ciência moderna.

11. Leia atentamente cada uma das afirmativas relacionadas ao texto 5, a seguir, e marque a alternativa correta:

- I. Tomando-se a totalidade do texto, é possível dizer que seu autor usa como estratégia de apresentação do assunto em pauta um modelo teatralizado e que usa também recursos da oralidade.
 - II. A afirmativa “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” retrata uma academia fechada em si mesma, pouco interessada na difusão do conhecimento.
 - III. As constatações da história da matemática dão conta de que as civilizações ocidentais, como a grega, foram precursoras na abstração necessária para que se conceba o conceito de zero.
- a) as assertivas I, II e III são verdadeiras.
 - b) as assertivas I e II são verdadeiras.
 - c) as assertivas I e III são verdadeiras.
 - d) assertivas II e III são verdadeiras.
 - e) apenas a assertiva I é verdadeira.

(ITA - 2019)

Texto 1 - EDITORIAL

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua



caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pixação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e intelecção das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.



O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pichação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pichação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pichação? Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em

Acesso em: maio 2018.

12. Podemos afirmar que o texto

- a) entende que grafite é arte desprovida de crítica social e pichação simboliza a revolta popular.
- b) considera grafite como arte institucionalizada e pichação como manifestação popular transgressora.
- c) reconhece que a preocupação estética é exatamente a mesma em ambas as manifestações.
- d) defende que o “pixo” é arte, ainda que não apresente mensagens poéticas identificáveis.
- e) assume que pichação e grafite transmitem a mesma mensagem, mas em contextos sociais diferentes.

13. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a comunidade de pichadores não necessariamente demonstra interesse no reconhecimento da pichação como um movimento artístico.
- b) os pichadores assumem uma forma de expressão mais provocadora, ao transgredir até mesmo as regras das instituições culturais.
- c) a pichação é uma forma de expressão marginalizada, assumida por alguns grupos como traço identitário.
- d) os códigos e as mensagens manifestados na pichação costumam ser compreendidos somente pela própria comunidade de pichadores.
- e) a essência da pichação é ser uma forma de expressão utilizada para delimitação de territórios por gangues e grupos rivais.

Texto 2 – CRÔNICA

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.



“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafais: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”.

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me falem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. Correio do Estado, fev 2018. Disponível em <<https://www.correiodoestado.com.br/opiniaoleia-acronica-de-andre-luiz-alvez-um-muro-para-pichar/321052/>> Acesso em: ago. 2018.



14. A partir da leitura dos textos 1 e 2, depreende-se que

I. os autores reiteram que grafite e pichação não são práticas artísticas bem aceitas por toda a sociedade.

II. o texto 1 menciona a ausência de poesia na pichação; o texto 2 explora a possibilidade de essa prática disseminar cultura.

III. o texto 1 contrasta grafite e pichação; já o texto 2 expressa motivações subjetivas do autor para pichar.

Está/ão correta/s:

a) apenas I e II.

b) apenas I e III.

c) apenas II.

d) apenas II e III.

e) todas.

(ITA - 2018)

Texto 3 – CRÔNICA

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida não passava dos 40 anos.



A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente. VARELLA, D. A arte de envelhecer.

Adaptado. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/2016/01/1732457>> Acesso em: mai. 2017.

15. Depreende-se que o autor, em relação ao processo de envelhecimento, manifesta

- a) rejeição.
- b) hesitação.
- c) aceitação.
- d) pesar.
- e) esperança.

16. No período “Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos.”, (parágrafo 3), o autor

- a) fortalece a ideia de que a infância está cada vez mais curta.
- b) restringe a vida humana a apenas três fases.
- c) advoga em favor dos idosos que tentam se manter jovens.
- d) condena a manutenção da rivalidade entre jovens e velhas.
- e) alerta para a necessidade de adaptar-se a cada fase da vida.

17. Assinale a opção que NÃO constitui um dos aspectos acerca do envelhecimento apresentados no texto. Envelhecer

- a) apavora a homens e mulheres.
- b) desfaz a ilusão de eterna juventude.
- c) requer tratamentos de rejuvenescimento.
- d) descortina valores dantes ignorados.
- e) traz aceitação das diferenças.



Texto 4 - NOTÍCIA

Proibido para menores de 50 anos. Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórris Litvak criou a startup MaturiJobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

(Revista Isto é Dinheiro. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.)

18. A afirmação “Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil” sugere

- a) falta de recursos para aproveitar a fase chamada melhor idade.
- b) comprometimento emocional gerado por mudança de hábitos.
- c) diminuição da capacidade intelectual do idoso.
- d) rejeição dos limites físicos decorrentes da idade.
- e) perda de status decorrente da saída do mercado de trabalho.

Texto 5 - REPORTAGEM

O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...] O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de aging in place. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinha, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasill envelhecer-noseculo-xxi/>>, 18 mar. 2016. Adaptado. Acesso em: 10 ago. 17.

19. É correto concluir que os textos 4 e 5

- a) afirmam que o homem é capaz de superar todas as limitações da velhice.
- b) concordam que o envelhecimento não aflige mais a geração atual.
- c) julgam que as pessoas ainda sonham ser eternamente jovens.
- d) transmitem uma visão idealizada do envelhecimento nos dias atuais.
- e) focalizam aspectos diferentes do idoso em relação ao seu espaço na sociedade.

(ITA - 2017)

Texto 6 - EDITORIAL

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os



meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). “Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do *Jornal Nacional* acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal. Nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensaem-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846 Acesso em 13/07/2016.)

20. O autor do texto

a) acredita que a mídia controla e manipula todos os cidadãos, independentemente de sua condição socioeconômica e cultural.



- b) mostra o poder absoluto da mídia de deturpar a realidade dos fatos, tornando os cidadãos alienados e passivos.
- c) mostra ao leitor que a mídia tem total poder de influenciar o seu público, principalmente pelas redes sociais.
- d) prova a tese de que a mídia manipula os leitores, respaldando-se em importantes estudiosos da cultura de massa.
- e) sustenta a ideia de que a mídia é apenas um dos fatores que interferem na construção da opinião dos indivíduos.

21. De acordo com o ponto de vista do autor,

- I. fatores subjetivos/psicológicos são os mais influentes na formação das opiniões e superam até mesmo a incondicional influência midiática.
- II. a homogeneidade dos programas de rádio e de televisão é a responsável pela manipulação midiática das opiniões.
- III. é impossível determinar como o indivíduo interpretará as informações veiculadas por um telejornal.

Está(ão) correta(s) apenas

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

22. Com relação às estratégias argumentativas utilizadas no texto, é correto afirmar que o autor

- a) vale-se da pergunta retórica do título, respondida afirmativamente por ele mesmo.
- b) apresenta apenas posicionamentos de estudiosos que são idênticos aos seus.
- c) vale-se do uso das aspas nos quatro momentos para se distanciar daquilo que é dito.
- d) utiliza a primeira pessoa do plural para se aproximar do leitor e o persuadir sobre seu ponto de vista.
- e) apresenta com total imparcialidade pontos de vista diversos sobre a manipulação da mídia.

Texto 7 – REPORTAGEM

Vídeos falsos confundem o público e a Imprensa

Por Jesper Jackson, tradução de Jo Amado

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais sites de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.



As imagens distorcidas dos clipes do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do site First Draft, que é uma coalizão de organizações que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse que parte do problema é que qualquer pessoa que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo).”

*Adaptado de: <http://observatoriodaimprenea.com.br/terrorismo/videos-falsosconfundem-o-publico-e-a-imprensa/>.
(Publicado originalmente no jornal The Guardian em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)*

23. De acordo com o texto,

- a) a divulgação deliberada de informações e vídeos falsos pela internet é um comportamento antiético.
- b) notícias veiculadas em redes sociais, como Facebook e Twitter, não merecem credibilidade por parte do leitor.
- c) as adaptações feitas em fotos normalmente são grosseiras e, por isso, despertam a desconfiança dos leitores.



- d) acontecimentos extremamente sérios são banalizados e propositalmente deturpados por organizações jornalísticas respeitáveis.
- e) a concorrência acirrada pela audiência é a única responsável pela eventual divulgação de dados, incorretos pela imprensa.

24. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a reputação de um jornal impresso é mais vulnerável do que a de uma página na web quanto à divulgação de notícias falsas.
- b) interesses comerciais podem ser razões para a divulgação precipitada de fotos e vídeos na rede.
- c) as organizações jornalísticas deveriam ter exclusividade na divulgação de fatos violentos, como atos terroristas.
- d) falsas notícias são facilmente divulgadas e compartilhadas nas redes sociais por motivos diversos.
- e) as organizações jornalísticas de credibilidade também são responsáveis pela divulgação de notícias falsas.

25. Marque a opção que NÃO constitui causa de divulgação de informações falsas na internet por organizações jornalísticas respeitáveis, de acordo com o texto.

- a) A rapidez com que as informações são divulgadas online.
- b) A pressão para serem as primeiras a divulgar as novidades.
- c) A concorrência com as redes sociais.
- d) A credibilidade despertada pela boa qualidade das imagens falsas.
- e) A impossibilidade de retirada de algo já veiculado.

26. Pode-se afirmar corretamente que tanto o Texto 6 quanto o Texto 7

- a) condenam a forma como veículos de comunicação menosprezam seu público.
- b) consideram que a mídia confunde o público com informações boas demais para serem questionadas.
- c) atribuem às redes sociais da internet um papel fundamental na formação de opinião.
- d) trazem exemplos de situações sensacionalistas utilizadas pela mídia.
- e) mencionam mais de um tipo de mídia no desenvolvimento de sua argumentação.

(ITA - 2016)

Texto 8 - CRÔNICA

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos ...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.



“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma. O diploma era mais que garantia de emprego.

Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricitista, encanador, descupinizador, motorista de trator ... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.



Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, Folha de S.Paulo, 25/05/2004.)

27. De acordo com o autor.

- a) a escolha certa do curso universitário é a garantia de sucesso profissional.
- b) é aconselhável que o universitário concilie o curso superior com uma formação alternativa.
- c) é imprescindível mais de uma formação universitária como garantia de futuro bem sucedido.
- d) é recomendável que as universidades ofereçam cursos para formação de trabalhadores manuais.
- e) o diploma universitário, aliado a cursos de curta duração, possibilita o amadurecimento do jovem.

28. O autor mostra-se

- a) contrário à realização dos vestibulares atuais.
- b) otimista quanto à realidade educacional brasileira.
- c) simpático às atividades informais não assalariadas.
- d) realista quanto à oferta limitada de emprego para os diplomados.
- e) contrário aos critérios de seleção de instituições privadas de ensino.

29. De acordo com o texto, uma expectativa da sociedade brasileira que ainda se mantém é

- a) a carreira sacerdotal como forma de ascensão social.
- b) a carreira militar como garantia de rápida progressão profissional.
- c) o casamento como garantia de segurança econômica para as mulheres.
- d) a aprovação em concurso público como garantia de sucesso profissional.
- e) o diploma universitário como garantia de emprego e reconhecimento social.

30. Assinale a opção que NÃO sustenta a tese do autor.

- a) Há profissionais diplomados sem emprego.
- b) Há diplomados descontentes com a carreira que escolheram.
- c) As melhores opções de carreira são as oferecidas pelas universidades.
- d) Existem ofícios mais rentáveis que algumas carreiras de nível superior.
- e) Há quem tenha trocado a profissão em que se diplomou por outro ofício.

(ITA – 2015)

Texto 9 – CRÔNICA

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.



O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: A borboleta amarela. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

31. O objetivo do autor é

- discutir a reportagem de José Leal sobre a chegada de imigrantes ao Brasil.
- apoiar a imigração europeia, independentemente da condição social dos imigrantes.
- mostrar que o Brasil não precisa de imigrantes sem qualificação profissional.
- defender uma política migratória não necessariamente vinculada a critérios profissionais.
- criticar a legislação brasileira sobre imigração vigente na época.

32. O autor do texto

- destaca a aparência das imigrantes como um fator preponderante para a imigração.
- reproduz os nomes dos imigrantes citados na reportagem para atribuir-lhes importância social.
- toma como sua a expressão “para entulhar as grandes cidades”.
- desenvolve os argumentos para sustentar que “é insensato importar gente assim”.
- concorda parcialmente com o repórter José Leal, porém assume um ponto de vista diferente.



33. De acordo com o texto, Rubem Braga

- I. assevera que os imigrantes qualificados teriam destino promissor no Brasil.
- II. mostra otimismo em relação aos imigrantes sem profissão definida.
- III. apresenta ideias sobre imigração tanto semelhantes como avessas às de José Leal.
- IV. considera que, sem imigração, não haveria algumas das grandes personalidades no Brasil.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

34. No trecho, *Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter, Rubem Braga*

- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
- II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.
- III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.
- IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

(ITA - 2014)

Texto 10 – CRÔNICA (Manuel Bandeira)

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiosincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.



Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de humour que são O Garoto, Ombro Arma, Em Busca do Ouro e O Circo.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irreduzível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme O Circo, para a brioche do menino faz rir a criança como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos, Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, – em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela standardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no



meio das maiores privações acha um jeito de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de O Circo. Partida a companhia, em cuja troupe seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

(Em: Crônicas da Província do Brasil. 1937.)

idiossincrasia: maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

Mamulengo: fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

Tabético: que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo: relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice: safadeza, canalhice.

estoicismo: resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete: movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

35. Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em O Circo.
- b) O heroísmo de Carlito.
- c) As representações da vida real por Chaplin.
- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

36. Considere o enunciado “Carlito é popular no sentido mais alto da palavra” e as informações de todo o texto. Na visão de Bandeira, a popularidade pode ser explicada pelo fato de Carlito

- I. ser apresentado com indumentária elegante.
- II. ser responsável por atrair grande público para os cinemas.
- III. retratar o tipo heroico americano, que não quer ser considerado malsucedido.



IV. ter sido ajustado a partir das reações do público.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

37. De acordo com Bandeira,

- a) Carlito é essencialmente triste, apesar de não demonstrar.
- b) o público se identifica com Carlito, porque ele representa um tipo universal de simplicidade.
- c) Carlito faz sucesso nos Estados Unidos, porque é sonhador como os americanos.
- d) Carlito representa o lado heroico do ser humano, embora isso não seja explicitado em seus filmes.
- e) Carlito representa o lado debochado e despojado do ser humano, daí seu grande sucesso.

38. Sobre Charles Chaplin, o texto nos permite dizer que

- a) sua arte desperta diversas emoções e extrapola os limites geográficos.
- b) seu personagem Carlito originou-se das reações do público.
- c) seu personagem Carlito é apresentado como um tipo astuto e inteligente.
- d) seu personagem Carlito satiriza a miséria material e emocional do ser humano.
- e) sua arte desfaz no público sentimentos antagônicos.

39. Segundo Bandeira, o comportamento de Carlito é “uma lição de moral para educação da mocidade”, porque:

- a) contribui como modelo para a formação de pessoas hábeis e práticas.
- b) reforça a interpretação moral das pessoas, já que desejam se parecer com o personagem.
- c) o personagem é contraditório e as pessoas se identificam com isso.
- d) o personagem exibe uma grande humanidade.
- e) as pessoas rejeitam para si as características do personagem.

40. Segundo o texto, herói é aquele que

- a) comove as pessoas que o rodeiam.
- b) faz as pessoas levarem a vida de maneira leve.
- c) age de maneira corajosa e previsível.
- d) enfrenta as adversidades, ainda que tenha momentos de fraqueza.
- e) despreza o sucesso, embora o considere importante.

41. Considerando a estrutura do texto, pode-se dizer que Bandeira

- I. vale-se de outro texto para refletir sobre a recepção do público americano aos filmes de Chaplin.
- II. considera fatos da época para refletir sobre o comportamento dos americanos.
- III. descreve cenas de filmes para enaltecer a criação de Chaplin.
- IV. usa recursos linguísticos, como perguntas retóricas e adjetivos, para reforçar seu ponto de vista.



Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e IV.
- c) apenas II, III e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

42. Depreende-se do texto que os americanos

- I. procuram valorizar as particularidades das pessoas.
- II. julgam as pessoas, conforme seu padrão de sucesso ou fracasso.
- III. são incoerentes em suas atitudes.
- IV. não reconhecem suas próprias fraquezas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e IV.
- c) apenas II, III e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

43. Assinale a opção em que NÃO há avaliação do autor.

- a) Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. (1º parágrafo).
- b) Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe. (4º parágrafo)
- c) Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito. (6º parágrafo)
- d) Isso por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. (9º parágrafo)
- e) Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. (10º parágrafo)

Texto 11

Ritos

Nos filmes americanos do passado, quando alguém estava falando ao telefone e a linha de repente era cortada, a pessoa batia repetidamente no gancho, dizendo “Alô? Alô?”, para ver se o outro voltava. Nunca vi uma linha voltar por esse processo, nem no cinema, nem na vida real, mas era assim que os atores faziam.

Assim como acontecia também com o ato de o sujeito enfiar a carta dentro do envelope e lamber este envelope para fechá-la. Era formidável a “nonchalance” com que os atores lambiam envelopes no cinema americano – a cola devia ser de primeira. Nos nossos envelopes, se não aplicássemos a possante goma arábica, as cartas chegariam abertas ao destino.

Outra coisa que sempre me intrigou nos velhos filmes era: o sujeito recebia um telegrama ou mensagem de um boy, enfiava a mão no bolso lateral da calça e já saía com uma moeda no valor certo da gorjeta, que ele atirava ao ar e o garoto pegava com notável facilidade. Ninguém tirava a moeda do bolsinho caça-níqueis, que é onde os homens costumam guardar moedas.

E ninguém tirava também um cigarro do maço e o levava à boca. Tirava-o da cigarreira ou de dentro do bolso mesmo, da calça ou do paletó. Ou seja, nos velhos filmes americanos, as



peessoas andavam com os cigarros soltos pelos bolsos. Acho que era para não mostrar de graça, para milhões, a marca impressa no maço.

Já uma coisa que nunca entendi era por que todo mundo só entrava no carro pelo lado do carona e tinha de vencer aquele banco imenso, passando por cima das marchas, para chegar ao volante. Não seria mais prático, já que iriam dirigir, entrar pelo lado do motorista? Seria. Mas Hollywood, como tantas instituições, em Roma, Tegucigalpa ou Brasília, tinha seus ritos. E vá você entender os ritos, sacros ou profanos.

(Em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2707200805.htm>. 27/07/2009)

Nonchalance: indiferença, desinteresse.

Tegucigalpa: capital de Honduras.

44. O Texto 2 é uma crítica

- a) à artificialidade dos ritos no cinema e na vida real.
- b) às produções hollywoodianas.
- c) à ausência de publicidade nos filmes.
- d) à qualidade dos produtos americanos.
- e) ao funcionamento de aparelhos tecnológicos.

45. Está presente no Texto 10, de Manuel Bandeira, e no 11, de Ruy Castro

- a) a abordagem de que os filmes constroem realidades próprias.
- b) a descrição de gestos artificiais de personagens nos filmes.
- c) uma crítica a situações improváveis retratadas pelos filmes.
- d) a descrição de comportamentos do público de filmes americanos antigos.
- e) comentários sobre comportamentos inadequados dos americanos.



4.2 - GABARITO

- | | | |
|-------|-------|-------|
| 1. C | 16. E | 31. D |
| 2. D | 17. C | 32. E |
| 3. B | 18. B | 33. D |
| 4. E | 19. E | 34. A |
| 5. C | 20. E | 35. B |
| 6. E | 21. E | 36. C |
| 7. A | 22. D | 37. D |
| 8. E | 23. A | 38. A |
| 9. D | 24. C | 39. E |
| 10. E | 25. E | 40. D |
| 11. B | 26. E | 41. E |
| 12. B | 27. B | 42. C |
| 13. E | 28. D | 43. B |
| 14. D | 29. E | 44. A |
| 15. C | 30. C | 45. A |



4.3 – Exercícios comentados

(IME - 2018)

TEXTO 1 - CRÔNICA

DAS VANTAGENS DE SER BOBO

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017. Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

1. Considere o trecho abaixo, retirado do texto 1:



“Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem”

A autora discorre sobre a posse de um saber. A respeito desse saber, podemos afirmar que
a) os bobos que se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria que os espertos deveriam ter.

b) os bobos que aparentemente se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria dos espertos.

c) os bobos, por serem naturalmente criativos, comprovam possuir a sabedoria necessária para vencer.

d) os bobos, por serem naturalmente criativos, não permitem que ninguém desconfie de sua dissimulada esperteza, que nada mais é do que produto de sua criatividade; assim definimos sua estratégia para vencer na vida.

e) os bobos acabam por se tornar espertos e, por isso, ganham as lutas da vida, já que não se importam que “saibam que eles sabem”.

Comentários: As pessoas denominadas pela autora como “bobas” são aquelas que são criativas e a quem as ideias vem de maneira espontânea, sem ardis ou esquemas. Como são pessoas criativas, costumam “vencer” – ainda que muitas vezes sequer percebam que venceram. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência no texto a bobos se fazendo de bobos, mas sim de espertos se fazendo de bobos.

A alternativa B está incorreta, pelo mesmo motivo que A: não há referência no texto a bobos se fazendo de bobos, mas sim de espertos se fazendo de bobos.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência no texto que os bobos tenham dissimulada esperteza, mas sim certa inocência.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência de que bobos se tornem espertos, apenas de que sejam capazes de vencer pois são criativos.

Gabarito: C

2. Sobre as considerações a respeito de ser esperto vs. ser bobo encontradas no texto 1, assinale o par de análises que destoa das considerações feitas pela autora.

a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.

b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.

c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.

d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.

e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

Comentários: No último parágrafo do texto, a autora faz referência à relação que o bobo tem com o amor em “o amor faz o bobo”. Por isso, não é possível dizer que o coração do bobo é pouco acessível. A alternativa que apresenta par de análises que destoa é alternativa D.



A alternativa A não apresenta incorreções, pois essa é a relação estabelecida ao longo do texto: o esperto se esforça para vencer enquanto o bobo só age naturalmente.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos tendem a conseguir o que querem pela audácia, enquanto os bobos, por confiarem demais, podem ser enganados.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois o texto afirma que o esperto está sempre elaborando esquemas, enquanto o bobo apenas vive no mundo.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos planejam seus passos, enquanto o bobo faz as coisas espontaneamente.

Gabarito: D

(IME - 2015)

TEXTO 2 - CRÔNICA

O MENINO QUE TINHA MEDO DE POESIA

(Pedro Gabriel – Março de 2014)

– Mãe, acho que tem um poema debaixo da minha cama!

Quando menino, a poesia me assustava. Parecia ter dentes afiados, pernas desajeitadas, mãos opressoras. E nem as mãos da professora mais dócil conseguiam me acalmar. Não compreendia uma palavra, uma metáfora, uma rima pobre, rica ou rara. Não entendia nada. Tentava adivinhar o que o poeta queria dizer com aquela frase entupida de imagens e sentidos subjetivos. Achava-me incapaz de pertencer àquilo. Não conseguia mergulhar naquele mundo. Eu, sem saber nadar em versos, afogava-me na incompreensão de um soneto; ela – a tão sagrada poesia – não me afagava e me deixava morrer na praia, entre um alexandrino e um heptassílabo.

Toda vez que eu era obrigado a decorar poesia, sentia vontade de sumir, de virar um móvel e ficar imóvel até tudo se acabar. Por dentro, sentia azia, taquicardia, asma espontânea, tremelique e gagueira repentina. Por fora, fingia que estava tudo bem. Eu sempre escolhia o poema mais curto da lista que a escola sugeria. Naquele dia, sobrou Pneumotórax, de Manuel Bandeira, e eu queria ser aquele paciente para não precisar declamá-lo. Eu queria tossir, repetir sem parar: trinta e três... Trinta e três... Ter uma doença pequena, uma desculpa qualquer, um atestado médico assinado pelo meu avô que me deixasse em casa – não a semana toda, mas só o tempo da aula.

Depois, para a prova de francês, não tive escolha: fui obrigado a decorar *Le dormeur du Val*, de Rimbaud. Eu lembro que, antes de ficar em pé de frente para o meu professor, eu queria que alguém me desse dois tiros no peito. Queria ser esse soldado e dormir, tranquilo, na paz celestial daquele vale até que a turma toda esquecesse a minha existência. Ou que a guerra fosse declarada finda. Ou que eu fosse declamado culpado. A Primeira Guerra Mundial parecia durar menos do que aqueles 15 minutos de exame. Minha boca está seca até hoje. Minhas mãos estão molhadas até agora. Só eu sei o que suei por você, querida Poesia.

Aos 17, a poesia ainda me apavorava. Podia ser o verso mais delicado do mundo, eu tinha medo. Podia ser o poeta mais simpático da face da Terra, eu desconfiava. Desconversava, lia outra coisa. Ou não lia nada. Talvez por não querer entendê-la. Talvez por achar não merecê-la. E assim ficava à mercê da minha rebeldia. Não queria aprender a contar sílabas, queria ser verso livre. Tolo! Até a liberdade exige teoria!

Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-lhe que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças. Que se ela o assusta é porque ela o deseja. Que se ele sente medo



é porque ele precisa dela. Não há mais monstro debaixo da sua cama. O monstro agora está em você.

- Filho, acho que tem um poema por dentro de quem você ama...

Disponível em: . (texto adaptado) Acesso em: 29 Abr 2014

3. Observe os fragmentos em destaque:

“– Mãe, acho que tem um poema debaixo da minha cama!” (1º parágrafo)

“– Filho, acho que tem um poema por dentro de quem você ama...” (7º parágrafo)

O jogo de ideias criado em forma de diálogo pode ser interpretado como:

- a) a resposta da mãe aos questionamentos do seu filho, o protagonista, acerca do medo da poesia.
- b) ideia subentendida sobre real mudança positiva na relação entre o protagonista e a poesia.
- c) apenas uma forma estilística de introduzir e concluir o texto, sem grande significado.
- d) constatação de que o medo de poema do protagonista se transformou em medo de amar.
- e) evidência de que o medo de poesia do protagonista nunca existiu.

Comentários: No penúltimo parágrafo, o autor afirma que “ . Não há mais monstro debaixo da sua cama. O monstro agora está em você”. Assim, fica claro que a relação do autor com a poesia sofreu uma alteração: antes, era algo de fora que lhe causava temor; agora, é algo que está dentro de si mesmo. Porém, o autor já não sente mais medo da poesia. Por isso, a alternativa correta é a alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o diálogo com a mãe é metafórico. Na verdade, representa a relação do autor com a poesia.

A alternativa C está incorreta, pois há grande significado no diálogo: mostra mudança da relação do autor com a poesia.

A alternativa D está incorreta, pois não há referências ao longo do texto que apontem para um possível medo do amor.

A alternativa E está incorreta, pois houve mudança da relação do autor com a poesia: de medo para aceitação.

Gabarito: B

(IME – 2014)

TEXTO 3 – REPORTAGEM

Escher, o gênio da arte matemática

Com a ajuda da geometria, nada é o que aparenta ser no trabalho surpreendente do artista holandês.

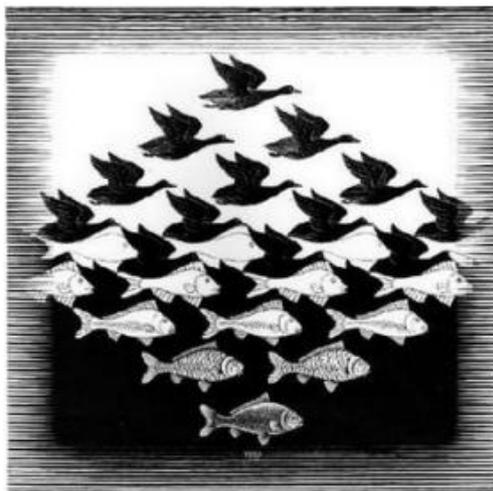
Você já deve ter visto pelo menos uma das gravuras do artista gráfico holandês M. C. Escher. Elas já foram reproduzidas não só em dezenas de livros de arte, mas também na forma de pôsteres, postais, jogos, CD-ROMs, camisetas e até gravatas. Caso não se lembre, então você não viu nenhuma. Olhar para as intrigantes imagens criadas por Escher é uma experiência inesquecível. Tudo o que nelas está representado nunca é exatamente o que parece ser. Há, em todas elas, sempre uma surpresa visual à espera do espectador. Isso porque, para ele, o desenho era pura ilusão. A realidade pouco interessava. Antes, preferia o contrário: criar mundos impossíveis que apenas parecessem reais. Eis porque acabou se tornando uma espécie de mágico das artes gráficas.



Seus desenhos, porém, não nasciam de passes de mágica, nem somente de sua apurada técnica de gravador. Sua obra está apoiada em conceitos matemáticos, extraídos especialmente do campo da geometria. Essa era a fonte de seus efeitos surpreendentes. Foi com base nesses princípios que Escher subverteu a noção da perspectiva clássica para obter suas figuras impossíveis de existir no espaço "real". Aliás, desde o começo, essa condição essencial do desenho, que é a representação tridimensional dos objetos na inevitável bidimensionalidade do papel. Brincou com isso o mais que pôde. Também há matemática na divisão regular da superfície usada por Escher para criar, de maneira perfeita, suas famosas séries de metamorfoses, onde formas geométricas abstratas ganham vida e vão, aos poucos, se transformando em aves, peixes, répteis e até seres humanos.

Foi essa proximidade com a ciência que deixou os críticos de arte da época de cabelo em pé. Afinal, como classificar o trabalho de Escher? Era "artístico" o que ele fazia ou puramente "racional"? Na dúvida, preferiram silenciar sobre sua obra durante vários anos. Enquanto isso, o artista foi ganhando a admiração de matemáticos, físicos, cristalógrafos e eruditos em geral. Mas essa é outra faceta surpreendente de Escher.

Embora seus trabalhos tivessem forte conteúdo matemático, ele era leigo no assunto. A bem da verdade, Escher sequer foi um bom aluno. Ele mesmo admitiu mais tarde que jamais ganhou, ao menos, um "regular" em matemática. Conta-se até que H.M.S. Coxeter, um dos papas da geometria moderna, entusiasmado com os desenhos do artista, convidou-o a participar de uma de suas aulas. Vexame total. Para decepção do catedrático, Escher não sabia do que ele estava falando, mesmo quando discorria sobre teorias que o artista aplicava intuitivamente em suas gravuras.



Xilogravura: 'Céu e Água I', de 1938.

Foto: The M.C. Escher Company B.V. Baarn, The Netherlands.

GALILEU. Escher, o gênio da matemática. Disponível em: <<http://galileu.globo.com/edic/88/conhecimento2.htm>> Acesso em 05/05/2013.

TEXTO 4 – ARTIGO

Arte estimula o aprendizado de matemática

Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.



O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na pintura, nas artes em geral.

Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se expressar plasticamente.

"Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que morreu em 1972.

CIÊNCIA E CULTURA. Arte estimula o aprendizado de matemática. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

4. Assinale a alternativa que traz uma síntese das ideias apresentadas nos textos 3 e 4.

- a) A expressão da matemática está restrita à maneira tradicional de se apresentar essa disciplina nas escolas.
- b) Os livros didáticos de matemática não ajudam a construir conhecimento matemático.
- c) Os artistas dificilmente são capazes de entender e de desenvolver uma equação, embora possam expressar raciocínios de ordem lógica.
- d) Todas as escolas deveriam aliar o prazer concedido pelas artes ao ensino de matemática.
- e) A escola que desvincula as artes da matemática nega aos alunos uma excelente ferramenta para a construção de conceitos lógicos.

Comentários: O gabarito oficial dessa questão é E. Porém, essa questão na verdade **não possui resposta correta**. O gabarito oficial, porém, não sofreu nenhuma correção. Por eliminação, a única que não apresenta informação incorreta é a alternativa E. Porém, a informação presente nela se encontra apenas no segundo texto, não podendo ser considerada, portanto, sintética dos dois textos. Foi uma questão mal formulada.

A alternativa A está incorreta, pois no texto 3 há a referência explícita das possibilidades matemáticas nas artes.

A alternativa B está incorreta, pois em nenhum dos dois textos há referência a essa informação acerca dos livros de matemática.

A alternativa C está incorreta, pois não há essa generalização nos textos. No texto 3 o que se afirma é que Escher não era bom em matemática.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência a todas as escolas deverem adotar esse método. É apenas uma sugestão.

Gabarito: E

5. Quanto ao texto 3, é possível afirmar que



- a) busca desvincular a obra de M. C. Escher da matemática, pois esclarece a ignorância do artista quando era aluno em escolas tradicionais.
- b) possui um movimento argumentativo que vai de encontro ao desejo de quem pretende valorizar a matemática.
- c) coloca em evidência a ligação entre a matemática e a obra de M. C. Escher.
- d) subordina a experiência sublime da arte àquela vivenciada pelo aluno que é competente na matemática, tal como é vivenciada nas escolas, em geral.
- e) desvincula a matemática do fazer artístico por serem campos distintos do conhecimento.

Comentários: O grande tema do texto é como a matemática pode fazer parte do processo artístico nas obras de Escher. Portanto, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o texto afirma que há vínculo forte com a matemática, independente do conhecimento do artista no assunto.

A alternativa B está incorreta, pois o texto busca o contrário: valorizar a matemática como parte do processo artístico.

A alternativa D está incorreta, pois o texto não coloca a matemática acima da arte em nenhum momento.

A alternativa E está incorreta, pois, usando o exemplo das obras de Escher, demonstra como arte e matemática podem estar extremamente ligadas.

Gabarito: C

6. Assinale a alternativa que contém uma inferência alheia ao movimento argumentativo do texto 4.

- a) A dificuldade que alguns gênios da ciência apresentam para resolver operações matemáticas pode ser um sinal de que o ensino de matemática deveria ser feito também mostrando a lógica em outras áreas do saber.
- b) Em geral, o ensino de matemática nas escolas costuma ser pouco atraente.
- c) As formas espaciais podem ser consideradas uma expressão plástica da matemática que, desse modo, deixaria de ser percebida como uma linguagem somente traduzível em números.
- d) A literatura, a música e as artes plásticas não abdicam da lógica como comumente se acredita.
- e) Se não fosse possível perceber a matemática que atravessa o trabalho de M. C. Escher, todo o valor de sua obra se perderia.

Comentários: Não há menção no texto de que sem conhecimento matemático não seria possível apreciar esteticamente as obras de Escher. Portanto, a alternativa incorreta é alternativa E.

A alternativa A não apresenta incorreções, pois no 1º parágrafo, o autor afirma ser necessário procurar outros meios para ensinar matemática.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois no 1º parágrafo, o autor afirma que o modo como a matemática é ensinada torna-a pouco atraente aos alunos.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois no penúltimo parágrafo, o autor afirma há plasticidade na matemática, utilizando a obra de Escher como exemplo disso.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois no 2º parágrafo o autor afirma que: “a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na pintura, nas artes em geral”.



Gabarito: E

(IME - 2013)

TEXTO 5 – REPORTAGEM

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisséia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é shúnya”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, shúnya significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, shúnya refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo shúnya – que, em árabe, se tornou shifr e foi latinizado para zephirum, depois zéfiro, zefro e, por fim, zero.

Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir



deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

“Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero”, diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. “Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato”, afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava “aquilo que ficou para trás”, como os pingos de chuva depois de uma tempestade. 4 Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?



Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial, desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipo de cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo ($1 - 1 = 0$). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero ($0 \times 4 = 0$). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas ($0 \div 3 = 0$), que não muda seu jeito. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do



pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de Zero: The Biography of a Dangerous Idea (Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2012.
(ADAPTADO)

7. Analise as assertivas a seguir a respeito do texto 5 e marque a alternativa correta:

- I. A personificação do zero dá um caráter lúdico à história narrada.
- II. A origem da palavra zero remete a ideias tais como: vazio, esterilidade e morte.
- III. Os indianos foram os primeiros a usar matematicamente o conceito do zero.

- a) as assertivas I e II são verdadeiras.
- b) as assertivas I e III são verdadeiras.
- c) as assertivas II e III são verdadeiras.
- d) apenas a assertiva I é verdadeira.
- e) nenhuma assertiva é verdadeira.

Comentários:

A assertiva I está correta, pois a personificação do zero muda o caráter do texto, tornando-o menos engessado e mais livre.

ATENÇÃO: aqui, seria preciso saber o significado da palavra lúdico: relativo a jogo ou brincadeira.

A assertiva II está correta, pois no 4º parágrafo, a autora relaciona o zero a um termo indiano que remete ao vazio.

A assertiva III está incorreta, pois o que o texto afirma é que os indianos usavam o conceito de vazio antes de usar o conceito de zero.

Gabarito: A

8. “Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo”. (3º parágrafo)

A ideia contida no trecho acima, sobretudo na palavra em destaque, encontra-se nos fragmentos abaixo, referentes ao texto 5, exceto em:

- a) “Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo” (3º parágrafo).
- b) “o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido” (13º parágrafo).
- c) “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada” (13º parágrafo).
- d) “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang” (16º parágrafo).
- e) “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele” (16º parágrafo).



Comentários: No texto, a autora utiliza a palavra “dialética” no sentido de duas coisas que se negam ao mesmo tempo que coexistem. É como se estivesse falando de um **paradoxo**. Por isso, para resolver essa questão, bastava buscar qual afirmação não continha informação paradoxal. Por isso, por eliminação, a alternativa que não apresentava uma ideia dialética é alternativa E.

A alternativa A apresenta pensamento paradoxal em “indicar o nada” e “trazer conteúdo”.

A alternativa B apresenta pensamento paradoxal em “vazio cheio de sentido”.

A alternativa C apresenta pensamento paradoxal em “o nada em oposição à existência de Deus”.

A alternativa D apresenta pensamento paradoxal em “equivalentes e opostos” e “yin e yang”.

Gabarito: E

9. Segundo o texto 5, “O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não existente, nulo” (3º parágrafo). Marque a alternativa que apresente uma ideia distinta daquela a que se associou o substantivo “zero” ao longo dos tempos:

- a) tenebrosidade
- b) insensibilidade
- c) divindade
- d) atratividade
- e) subversividade

Comentários: A única alternativa que não aparece no texto associada ao zero é a atratividade. Por isso a alternativa D é a alternativa correta.

Na alternativa A, é possível encontrar associação do zero com “tenebrosidade” nos 6º e 11º parágrafos.

Na alternativa B, é possível encontrar associação do zero com “insensibilidade” no 4º parágrafo.

Na alternativa C, é possível encontrar associação do zero com “divindade” no 5º parágrafo.

Na alternativa E, é possível encontrar associação do zero com “subversividade” no 12º parágrafo.

Gabarito: D

10. Assinale a assertiva que está em desacordo com o texto 5:

- a) Os maias associavam o zero à Morte.
- b) Os gregos ficaram desconcertados com a ideia de vazio, por isso não se interessaram pelo zero.
- c) Os babilônios usaram um sistema para calcular que perdura até os dias de hoje.
- d) Há 5.000 anos, contar estava associado à ideia de concretude, assim como a origem do conceito de zero está associada à ideia de abstração.
- e) A ausência do zero não modificaria a história da ciência moderna.

Comentários: Além de todas as passagens em que a autora aponta a importância do zero, especificamente em uma passagem fica clara a importância do zero para a ciência moderna: “O cálculo integral e diferencial desenvolvido por Newton e Leibniz seria inviável sem o zero” (12º parágrafo). Por isso, a alternativa incorreta é alternativa E.

A alternativa A não apresenta incorreção. Isso pode ser confirmado pelo trecho: “O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte” (5º parágrafo).



A alternativa B não apresenta incorreção. Isso pode ser confirmado pelo trecho: “Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético” (6º parágrafo).

A alternativa C não apresenta incorreção. Isso pode ser confirmado pelo trecho: “Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”.” (8º parágrafo).

A alternativa D não apresenta incorreção. Isso pode ser confirmado pelo trecho: “Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha” (7º parágrafo).

Gabarito: E

11. Leia atentamente cada uma das afirmativas relacionadas ao texto 5, a seguir, e marque a alternativa correta:

I. Tomando-se a totalidade do texto, é possível dizer que seu autor usa como estratégia de apresentação do assunto em pauta um modelo teatralizado e que usa também recursos da oralidade.

II. A afirmativa “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” retrata uma academia fechada em si mesma, pouco interessada na difusão do conhecimento.

III. As constatações da história da matemática dão conta de que as civilizações ocidentais, como a grega, foram precursoras na abstração necessária para que se conceba o conceito de zero.

a) as assertivas I, II e III são verdadeiras.

b) as assertivas I e II são verdadeiras.

c) as assertivas I e III são verdadeiras.

d) assertivas II e III são verdadeiras.

e) apenas a assertiva I é verdadeira.

Comentários:

A assertiva I. está correta, pois a autora personifica o zero e utiliza linguagem próxima da oralidade.

A assertiva II. está correta, pois a expressão “jogar pérolas aos porcos” significa desperdiçar algo. Para eles, difundir o conhecimento com os outros era um desperdício.

A assertiva III. está incorreta, pois no 11º parágrafo a autora diz que os gregos não estavam interessados no conceito de vazio inerente ao zero.

Gabarito: B

(ITA - 2019)

Texto 1 - EDITORIAL

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.



A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sígnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pixação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e intelecção das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser



conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pichação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pichação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pichação? Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em
Acesso em: maio 2018.

12. Podemos afirmar que o texto

- a) entende que grafite é arte desprovida de crítica social e pichação simboliza a revolta popular.
- b) considera grafite como arte institucionalizada e pichação como manifestação popular transgressora.
- c) reconhece que a preocupação estética é exatamente a mesma em ambas as manifestações.
- d) defende que o “pixo” é arte, ainda que não apresente mensagens poéticas identificáveis.
- e) assume que pichação e grafite transmitem a mesma mensagem, mas em contextos sociais diferentes.

Comentários: Segundo o texto, a diferença entre o grafite e a pichação está em sua institucionalização, ou seja, na atribuição do estatuto de arte à prática do grafite: “A distinção entre graffiti e pichação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade” (2º parágrafo), portanto, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o texto não diferencia as obras necessariamente por seu conteúdo, mas sim pelo modo como são vistas socialmente.

A alternativa C está incorreta, pois segundo o texto, a pichação tem o objetivo de provocar uma intervenção e chocar, diferente do graffiti.

A alternativa D está incorreta, pois o texto afirma que é justamente o não ser “arte” que faz com que o “pixo” mantenha seu caráter revolucionário.

A alternativa E está incorreta, pois não são obras produzidas nas mesmas condições nem com os mesmos objetivos.

Gabarito: B

13. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a comunidade de pichadores não necessariamente demonstra interesse no reconhecimento da pichação como um movimento artístico.
- b) os pichadores assumem uma forma de expressão mais provocadora, ao transgredir até mesmo as regras das instituições culturais.
- c) a pichação é uma forma de expressão marginalizada, assumida por alguns grupos como traço identitário.



- d) os códigos e as mensagens manifestados na pichação costumam ser compreendidos somente pela própria comunidade de pichadores.
- e) a essência da pichação é ser uma forma de expressão utilizada para delimitação de territórios por gangues e grupos rivais.

Comentários: Não há passagem no texto que corrobore a ideia da alternativa E, de que pichação seria uma forma de expressão utilizada para delimitação de territórios por gangues e grupos rivais. A passagem no texto que fala sobre gangues e grupos rivais versa sobre a noção de que os pichadores não são um grupo uno, pois há diferentes grupos e rivalidades estabelecidas: “Na pichação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.” (7º parágrafo).

A alternativa A não apresenta incorreções. A passagem que confirma a informação é: “Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte?” (10º parágrafo)

A alternativa B não apresenta incorreções, pois há o relato de duas situações em que os pichadores não respeitaram instituições culturais: o relato da 26ª Bienal de Arte de São Paulo (6º parágrafo) e da Bienal de Arte de Berlim de 2012 (8º parágrafo).

A alternativa C não apresenta incorreções, pois, como dito no comentário inicial, há diferentes grupos que realizam pichações, comprovando que há aspectos identitários na prática.

A alternativa D não apresenta incorreções. A passagem que comprova a informação é, principalmente: “A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pichadores decifram o conteúdo.” (4º parágrafo)

Gabarito: E

Texto 2 – CRÔNICA

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafas: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”.

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala,



abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me falem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. Correio do Estado, fev 2018. Disponível em <<https://www.correiodoestado.com.br/opiniao/leia-acronica-de-andre-luiz-alvez-um-muro-para-pichar/321052/>> Acesso em: ago. 2018.

14. A partir da leitura dos textos 1 e 2, depreende-se que

I. os autores reiteram que grafite e pichação não são práticas artísticas bem aceitas por toda a sociedade.

II. o texto 1 menciona a ausência de poesia na pichação; o texto 2 explora a possibilidade de essa prática disseminar cultura.

III. o texto 1 contrasta grafite e pichação; já o texto 2 expressa motivações subjetivas do autor para pichar.

Está/ão correta/s:

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II.
- d) apenas II e III.
- e) todas.

Comentários:



A afirmação I está incorreta, pois no texto 1 fica claro que o grafite é uma forma artística institucionalizada e, portanto, aceita socialmente.

A afirmação II está correta, pois no texto 1 há a passagem “Não existem frases poéticas, nem significados.” (4º parágrafo); e no texto 2 há a passagem “Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.” (1º parágrafo).

A afirmação III está correta, pois o texto 1 trata da “distinção entre graffiti e pixação” (2º parágrafo); e o texto 2 trata de poder realizar pichações “com qualquer frase que vier à cabeça.” (1º parágrafo).

Gabarito: D

(ITA - 2018)

Texto 3 – CRÔNICA

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.



Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente. VARELLA, D. A arte de envelhecer.

Adaptado. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/2016/01/1732457>> Acesso em: mai. 2017.

15. Depreende-se que o autor, em relação ao processo de envelhecimento, manifesta

- a) rejeição.
- b) hesitação.
- c) aceitação.
- d) pesar.
- e) esperança.

Comentários: Em diversas passagens, o autor demonstra aceitação com o processo de velhice. A principal passagem para comprovar isso está no 9º parágrafo:

“Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.”

Gabarito: C

16. No período “Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos.”, (parágrafo 3), o autor

- a) fortalece a ideia de que a infância está cada vez mais curta.
- b) restringe a vida humana a apenas três fases.
- c) advoga em favor dos idosos que tentam se manter jovens.
- d) condena a manutenção da rivalidade entre jovens e velhas.
- e) alerta para a necessidade de adaptar-se a cada fase da vida.

Comentários: O período destacado faz menção às diversas passagens da vida, principalmente a rápida passagem da infância para a adolescência e, logo em seguida, a vida adulta. Ao afirmar que “temos que aprender”, o autor demonstra a necessidade de se adaptar: não é uma opção se adaptar ou não, mas sim uma necessidade. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois esse trecho se refere à adolescência, não à infância.



A alternativa B está incorreta, pois há pelo menos quatro fases citadas no texto: infância, adolescência, vida adulta e terceira idade.

A alternativa C está incorreta, pois o trecho defende que nos adaptemos às fases, não que tentemos não vivê-las.

A alternativa D está incorreta, pois não há nada que indique que há uma rivalidade entre pessoas no texto, que trata sobre o processo de envelhecer.

Gabarito: E

17. Assinale a opção que NÃO constitui um dos aspectos acerca do envelhecimento apresentados no texto. Envelhecer

- a) apavora a homens e mulheres.
- b) desfaz a ilusão de eterna juventude.
- c) requer tratamentos de rejuvenescimento.
- d) descortina valores dantes ignorados.
- e) traz aceitação das diferenças.

Comentários: O texto versa sobre a necessidade de aceitação do envelhecimento e tudo aquilo que envolve essa fase da vida. Por conta de passagens como “nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18” (8º parágrafo), fica claro que propor tratamentos contra o envelhecimento não é uma ideia do texto. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa C.

A alternativa A não apresenta incorreções. Comprova-se pelo trecho “A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos” (6º parágrafo).

A alternativa B não apresenta incorreções. Comprova-se pelo trecho “Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem ‘cabeça de jovem’”. (10º parágrafo)

A alternativa D não apresenta incorreções, pois o texto fala sobre como a idade traz sabedoria e vivência, desfazendo a ideia de que com a idade as possibilidades se esgotam.

A alternativa E não apresenta incorreções. Comprova-se pelo trecho “(...) é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças” (10º parágrafo).

Gabarito: C

Texto 4 - NOTÍCIA

Proibido para menores de 50 anos. Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórris Litvak criou a startup MaturiJobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

(Revista Isto é Dinheiro. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.)

18. A afirmação “Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil” sugere

- a) falta de recursos para aproveitar a fase chamada melhor idade.
- b) comprometimento emocional gerado por mudança de hábitos.
- c) diminuição da capacidade intelectual do idoso.
- d) rejeição dos limites físicos decorrentes da idade.
- e) perda de status decorrente da saída do mercado de trabalho.



Comentários: “Pendurar as chuteiras” é uma expressão que significa “aposentar-se” ou “parar de fazer algo”. Ao dizer que “não é fácil”, o autor deixa claro que há comprometimento emocional envolvido nesse “parar” ou “aposentar”. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o problema debatido é a dificuldade em parar de trabalhar, não necessariamente a questão financeira.

A alternativa C está incorreta, pois o texto afirma que o idoso continua produtivo e apto para o trabalho.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência no texto à forma física dos idosos.

A alternativa E está incorreta, pois o problema não é a perda de status, mas sim a questão emocional e a quebra da rotina.

Gabarito: B

Texto 5 - REPORTAGEM

O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...] O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de aging in place. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinha, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasill envelhecer-noseculo-xxi/>>, 18 mar. 2016.

Adaptado. Acesso em: 10 ago. 17.

19. É correto concluir que os textos 4 e 5

- a) afirmam que o homem é capaz de superar todas as limitações da velhice.
- b) concordam que o envelhecimento não aflige mais a geração atual.
- c) julgam que as pessoas ainda sonham ser eternamente jovens.
- d) transmitem uma visão idealizada do envelhecimento nos dias atuais.
- e) focalizam aspectos diferentes do idoso em relação ao seu espaço na sociedade.

Comentários: No texto 4, o principal assunto abordado é a colocação dos idosos no mercado de trabalho e como parar de trabalhar influencia no seu cotidiano; no texto 5, o assunto principal é a independência em relação à família e o desejo de manter-se autônomo ao longo da vida. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência nos textos a superar todos os limites.

A alternativa B está incorreta, pois no texto 4 há passagens em que o autor revela a preocupação ao longo das fases da vida com o envelhecimento.

A alternativa C está incorreta, pois os textos falam sobre lidar com a velhice, não sobre não envelhecer.

A alternativa D está incorreta, pois apresentam um quadro realista de como os idosos tem lidado com o envelhecimento.

Gabarito: E

(ITA - 2017)



Texto 6 - EDITORIAL

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). “Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do *Jornal Nacional* acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o



telejornal. nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensaem-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-aspeessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846 Acesso em 13/07/2016.)

20. O autor do texto

- a) acredita que a mídia controla e manipula todos os cidadãos, independentemente de sua condição socioeconômica e cultural.
- b) mostra o poder absoluto da mídia de deturpar a realidade dos fatos, tornando os cidadãos alienados e passivos.
- c) mostra ao leitor que a mídia tem total poder de influenciar o seu público, principalmente pelas redes sociais.
- d) prova a tese de que a mídia manipula os leitores, respaldando-se em importantes estudiosos da cultura de massa.
- e) sustenta a ideia de que a mídia é apenas um dos fatores que interferem na construção da opinião dos indivíduos.

Comentários: Como descrito no 3º parágrafo, “A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões.”. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há no texto a influência da mídia necessariamente atrelada à condição socioeconômica e cultural.

A alternativa B está incorreta, pois não há no texto afirmação que a mídia tenha poder absoluto de deturpar a realidade dos fatos.

A alternativa C está incorreta, pois não há no texto afirmação que a mídia tenha poder total de influenciar o público.

A alternativa D está incorreta, pois a tese exposta na alternativa não se comprova, já que se conclui que não é possível prever com toda certeza a recepção do público.

Gabarito: E

21. De acordo com o ponto de vista do autor,

- I. fatores subjetivos/psicológicos são os mais influentes na formação das opiniões e superam até mesmo a incondicional influência midiática.
 - II. a homogeneidade dos programas de rádio e de televisão é a responsável pela manipulação midiática das opiniões.
 - III. é impossível determinar como o indivíduo interpretará as informações veiculadas por um telejornal.
- Está(ão) correta(s) apenas
- a) I e II.
 - b) I e III.
 - c) II.
 - d) II e III.
 - e) III.

Comentários:





ATENÇÃO: a questão pergunta a visão do autor, não a dos outros autores citados no texto. Cuidado para não se confundir!

O item I. está incorreto, pois o autor afirma que “o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual”, portanto, não é possível afirmar que fatores subjetivos ou psicológicos teriam mais peso.

O item II. está incorreto, pois a visão do autor é de que a homogeneidade dos programas de rádio e de televisão não é a única responsável pela manipulação. Apesar de ser levantada no texto, essa ideia pertence aos pensadores da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer.

O item III. está correto, pois segundo o autor, não se pode ter certeza como o público receberá alguma informação.

Gabarito: E

22. Com relação às estratégias argumentativas utilizadas no texto, é correto afirmar que o autor

- a) vale-se da pergunta retórica do título, respondida afirmativamente por ele mesmo.
- b) apresenta apenas posicionamentos de estudiosos que são idênticos aos seus.
- c) vale-se do uso das aspas nos quatro momentos para se distanciar daquilo que é dito.
- d) utiliza a primeira pessoa do plural para se aproximar do leitor e o persuadir sobre seu ponto de vista.
- e) apresenta com total imparcialidade pontos de vista diversos sobre a manipulação da mídia.

Comentários: Uma estratégia argumentativa utilizada pelo autor no texto é usar a 1ª pessoa do plural para aproximar-se do leitor. No segundo parágrafo do texto ela aparece em “Todavia, como bons cidadãos céticos, **devemos duvidar** (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis.”. Assim, ele se coloca no mesmo lugar que o leitor. Portanto, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois a pergunta é respondida de maneira negativa no texto, já que o autor acredita que a mídia não é capaz de manipular cegamente.

A alternativa B está incorreta, pois o autor discorda dos posicionamentos dos autores citados.

A alternativa C está incorreta, pois as aspas do texto são utilizadas para citações e realce de expressões.

A alternativa E está incorreta, pois não é comprometida com a imparcialidade, já que apresenta a visão do autor sobre o assunto.

Gabarito: D

Texto 7 – REPORTAGEM

Vídeos falsos confundem o público e a Imprensa

Por Jesper Jackson, tradução de Jo Amado

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As



imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais sites de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.

As imagens distorcidas dos cliques do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do site First Draft, que é uma coalizão de organizações que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse que parte do problema é que qualquer pessoa que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo).”

Adaptado de: <http://observatoriodaimprenea.com.br/terrorismo/videos-falsosconfundem-o-publico-e-a-imprensa/>.
(Publicado originalmente no jornal The Guardian em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)

23. De acordo com o texto,



- a) a divulgação deliberada de informações e vídeos falsos pela internet é um comportamento antiético.
- b) notícias veiculadas em redes sociais, como Facebook e Twitter, não merecem credibilidade por parte do leitor.
- c) as adaptações feitas em fotos normalmente são grosseiras e, por isso, despertam a desconfiança dos leitores.
- d) acontecimentos extremamente sérios são banalizados e propositalmente deturpados por organizações jornalísticas respeitáveis.
- e) a concorrência acirrada pela audiência é a única responsável pela eventual divulgação de dados, incorretos pela imprensa.

Comentários: No 6º parágrafo, há uma passagem que cita Alastair Reid dizendo que “Pode tratar-se de alguém tentando desviar proposital - mente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação” e “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”. Assim, fica claro que a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o texto não afirma que as notícias veiculadas nas redes sociais não têm crédito, e sim que as redes sociais facilitam a disseminação de notícias falsas.

A alternativa C está incorreta, pois o texto afirma que as modificações conseguem enganar os leitores, que acreditam sem desconfiar.

A alternativa D está incorreta, pois quem deturpa os acontecimentos são contas falsas, não organizações jornalísticas respeitáveis.

A alternativa E está incorreta, pois também pode haver motivações políticas por trás da divulgação de notícias falsas.

Gabarito: A

24. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a reputação de um jornal impresso é mais vulnerável do que a de uma página na web quanto à divulgação de notícias falsas.
- b) interesses comerciais podem ser razões para a divulgação precipitada de fotos e vídeos na rede.
- c) as organizações jornalísticas deveriam ter exclusividade na divulgação de fatos violentos, como atos terroristas.
- d) falsas notícias são facilmente divulgadas e compartilhadas nas redes sociais por motivos diversos.
- e) as organizações jornalísticas de credibilidade também são responsáveis pela divulgação de notícias falsas.

Comentários: Não há no texto passagem que confirme a ideia de que apenas organizações jornalísticas devam ter controle sobre a divulgação da informação. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta. O trecho que confirma isso é: “quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso.” (8º parágrafo)



A alternativa B está incorreta. O trecho que confirma isso é: “alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos” (6º parágrafo)

A alternativa D está incorreta. O trecho que confirma isso é: “qualquer pessoa que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele.” (6º parágrafo)

A alternativa E está incorreta. O trecho que confirma isso é: “Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.” (4º parágrafo)

Gabarito: C

25. Marque a opção que NÃO constitui causa de divulgação de informações falsas na internet por organizações jornalísticas respeitáveis, de acordo com o texto.

- a) A rapidez com que as informações são divulgadas online.
- b) A pressão para serem as primeiras a divulgar as novidades.
- c) A concorrência com as redes sociais.
- d) A credibilidade despertada pela boa qualidade das imagens falsas.
- e) A impossibilidade de retirada de algo já veiculado.

Comentários: No 8º parágrafo, o autor diz que “Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa (...)”. Isso deixa claro que não é impossível retirar da internet algo já veiculado – ainda que isso não diminua os efeitos danosos de uma notícia falsa. Por isso, a alternativa certa é alternativa E.

A alternativa A não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é: “Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.”

A alternativa B não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é o mesmo que confirma a alternativa A.

A alternativa C não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é o mesmo que confirma a alternativa A e a alternativa B.

A alternativa D não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é: “Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.”

Gabarito: E

26. Pode-se afirmar corretamente que tanto o Texto 6 quanto o Texto 7

- a) condenam a forma como veículos de comunicação menosprezam seu público.
- b) consideram que a mídia confunde o público com informações boas demais para serem questionadas.
- c) atribuem às redes sociais da internet um papel fundamental na formação de opinião.
- d) trazem exemplos de situações sensacionalistas utilizadas pela mídia.
- e) mencionam mais de um tipo de mídia no desenvolvimento de sua argumentação.

Comentários: Tanto o texto 6 quanto o texto 7 mencionam mais de uma mídia na argumentação, a saber: rádio, televisão e jornal no primeiro; e redes sociais, YouTube, jornal, televisão, no segundo. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois nenhum dos dois textos aponta o desprezo ao público por parte dos veículos.

A alternativa B está incorreta, pois o que confunde o público são as imagens falsas muito bem-feitas, e isso não tem a ver com a mídia, mas com quem as criou.

A alternativa C está incorreta, pois o texto 6 não menciona as redes sociais.

A alternativa D está incorreta, pois o texto 6 não falou sobre nenhuma situação sensacionalista.

Gabarito: E

(ITA - 2016)

Texto 8 - CRÔNICA

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos ...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma. O diploma era mais que garantia de emprego.

Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.



(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, electricista, encanador, descupinizador, motorista de trator ... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, Folha de S.Paulo, 25/05/2004.)

27. De acordo com o autor.

- a) a escolha certa do curso universitário é a garantia de sucesso profissional.
- b) é aconselhável que o universitário concilie o curso superior com uma formação alternativa.
- c) é imprescindível mais de uma formação universitária como garantia de futuro bem sucedido.
- d) é recomendável que as universidades ofereçam cursos para formação de trabalhadores manuais.
- e) o diploma universitário, aliado a cursos de curta duração, possibilita o amadurecimento do jovem.

Comentários: O autor afirma, no 13º parágrafo, que “sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, electricista, encanador, descupinizador, motorista de trator ...”. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.



A alternativa A está incorreta, pois já no título da crônica fica expressa a opinião do autor sobre o assunto: “Diploma não é solução”. Perceba como aqui, a análise do título já eliminaria essa alternativa.

A alternativa C está incorreta, pois não há garantias, segundo o autor, de futuro bem-sucedido.

A alternativa D está incorreta, pois não há no texto indicação de que as faculdades devam oferecer essa formação, mas sim que os jovens deveriam informar-se melhor sobre ela.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência a essa prática como forma de amadurecimento dos jovens.

Gabarito: B

28. O autor mostra-se

- a) contrário à realização dos vestibulares atuais.
- b) otimista quanto à realidade educacional brasileira.
- c) simpático às atividades informais não assalariadas.
- d) realista quanto à oferta limitada de emprego para os diplomados.
- e) contrário aos critérios de seleção de instituições privadas de ensino.

Comentários: O autor faz uma constatação realista no 12º parágrafo: “Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.”. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há no texto crítica explícita ao sistema do vestibular.

A alternativa B está incorreta, pois o autor se posiciona acerca das possibilidades no mercado de trabalho para jovens formados.

A alternativa C está incorreta, pois não há referência a mão de obra não assalariada no texto como opção de carreira.

A alternativa E está incorreta, pois ele se posiciona de maneira crítica à baixa incursão de formados no mercado de trabalho, não ao processo seletivo das instituições de ensino.

Gabarito: D

29. De acordo com o texto, uma expectativa da sociedade brasileira que ainda se mantém é

- a) a carreira sacerdotal como forma de ascensão social.
- b) a carreira militar como garantia de rápida progressão profissional.
- c) o casamento como garantia de segurança econômica para as mulheres.
- d) a aprovação em concurso público como garantia de sucesso profissional.
- e) o diploma universitário como garantia de emprego e reconhecimento social.

Comentários: Segundo o autor, uma ideia que ainda se mantém na sociedade brasileira é a de que formar-se numa universidade é automaticamente garantia de emprego e sucesso profissional: “Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.” (9º parágrafo). Portanto, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência de que no presente ainda se encare a carreira sacerdotal como uma garantia de ascensão social.



A alternativa B está incorreta, pois não há referência de que no presente ainda se encare a carreira militar como uma garantia de rápida progressão profissional.

A alternativa C está incorreta, pois não há menção ao casamento como caminho de segurança econômica para as mulheres.

A alternativa D está incorreta, pois a ideia é que no passado, a aprovação em concurso público era suficiente para garantia de sucesso profissional, mas não é mais assim.

Gabarito: E

30. Assinale a opção que NÃO sustenta a tese do autor.

- a) Há profissionais diplomados sem emprego.
- b) Há diplomados descontentes com a carreira que escolheram.
- c) As melhores opções de carreira são as oferecidas pelas universidades.
- d) Existem ofícios mais rentáveis que algumas carreiras de nível superior.
- e) Há quem tenha trocado a profissão em que se diplomou por outro ofício.

Comentários: A argumentação do texto vai no sentido contrário da alternativa C.

A crônica versa sobre como há um grupo grande de universitários formados que não conseguem emprego. Se as melhores opções de carreira fossem necessariamente ligadas ao diploma universitário, não haveria diplomados desempregados.

Por isso, a alternativa que não sustenta a tese do autor é a alternativa C.

Gabarito: C

(ITA – 2015)

Texto 9 – CRÔNICA

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os

construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: A borboleta amarela. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

31. O objetivo do autor é

- a) discutir a reportagem de José Leal sobre a chegada de imigrantes ao Brasil.
- b) apoiar a imigração europeia, independentemente da condição social dos imigrantes.
- c) mostrar que o Brasil não precisa de imigrantes sem qualificação profissional.
- d) defender uma política migratória não necessariamente vinculada a critérios profissionais.
- e) criticar a legislação brasileira sobre imigração vigente na época.

Comentários: No final do terceiro parágrafo, o cronista afirma seu desejo: “Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.” Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois ele apenas faz uma referência à reportagem, não se propõe a discuti-la.

A alternativa B está incorreta, pois ele afirma no início do terceiro parágrafo ele afirma que há pessoas que é “insensato” apoiar a vinda.

A alternativa C está incorreta, pois ele afirma que é possível abrir espaço para pessoas de diferentes perfis.

A alternativa E está incorreta, pois não há crítica explícita à política de imigração brasileira.

Gabarito: D

32. O autor do texto

- a) destaca a aparência das imigrantes como um fator preponderante para a imigração.
- b) reproduz os nomes dos imigrantes citados na reportagem para atribuir-lhes importância social.
- c) toma como sua a expressão “para entulhar as grandes cidades”.
- d) desenvolve os argumentos para sustentar que “é insensato importar gente assim”.
- e) concorda parcialmente com o repórter José Leal, porém assume um ponto de vista diferente.

Comentários: Assim como na reportagem que comenta, o autor da crônica acredita que nem todo imigrante que chega ao Brasil é o tipo de mão de obra que o país precisa. No entanto, não é porque o país não precisa desses trabalhadores nesse momento que eles devem ser proibidos de ingressar



ao Brasil, já que muitas pessoas que produziram significativas mudanças e feitos em seus campos de atuação eram justamente filhos de imigrantes. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há relação entre a aparência dos imigrantes e a preponderância de sua chegada.

A alternativa B está incorreta, pois ele atribui os nomes para que fique claro o assunto a que se refere, não para garantir notoriedade a essas pessoas.

A alternativa C está incorreta, pois a expressão está citada entre aspas, precedendo a referência “como diz o repórter”.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de racionalmente “insensato”, importar pessoas que não tenham “utilidade” no mercado de trabalho, não deve ser desincentivado, pois há potencial de surgimento de feitos incríveis em qualquer lugar.

Gabarito: E

33. De acordo com o texto, Rubem Braga

- I. assevera que os imigrantes qualificados teriam destino promissor no Brasil.
- II. mostra otimismo em relação aos imigrantes sem profissão definida.
- III. apresenta ideias sobre imigração tanto semelhantes como avessas às de José Leal.
- IV. considera que, sem imigração, não haveria algumas das grandes personalidades no Brasil.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois não há no texto informação que confirme que imigrantes qualificados teriam futuro promissor no Brasil.

O item II. está correto, pois apesar de reconhecer que há diversas pessoas sem profissão definida e, portanto, “sem utilidade”, o autor demonstra otimismo ao afirmar que autores como Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade eram descendentes de imigrantes. Ou seja, a imigração pode gerar bons frutos.

O item III. está correto, pois eles concordam que nem todo imigrante que chega ao Brasil é o tipo de mão de obra que o país precisa, mas discordam quando à oportunidade que eles devem receber. Para Rubem Braga, não é porque o país não precisa desses trabalhadores nesse momento que eles devem ser proibidos de ingressar ao Brasil.

O item IV. está correto, pois ele cita no último parágrafo uma série de pessoas que produziram grandes obras no Brasil que eram descendentes de imigrantes.

Gabarito: D

34. No trecho, Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter, Rubem Braga

- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
- II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.



III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.

IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

O item I. está correto, pois essa é a opinião do repórter em que Rubem Braga baseia sua crônica. Isso fica ainda mais claro pelo uso de aspas.

O item II. está correto, pois a estrutura argumentativa do texto se baseia na contraposição entre os pontos em que Rubem Braga concorda e discorda com José Leal.

O item III. está incorreto, pois não há no texto informações que permitam comprovar que a opinião do autor se relaciona com o trabalho no campo.

O item IV está incorreto, pois o que torna os imigrantes não qualificados é o fato de que já existe grande oferta desse tipo de mão de obra no Brasil e, por isso, suas habilidades não seriam necessárias.

Gabarito: A

(ITA - 2014)

Texto 10 – CRÔNICA (Manuel Bandeira)

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiosincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.



Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de humour que são O Garoto, Ombro Arma, Em Busca do Ouro e O Circo.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irreduzível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme O Circo, para a brioche do menino faz rir a criançada como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos, Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, – em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela standardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?



Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de O Circo. Partida a companhia, em cuja troupe seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

(Em: Crônicas da Província do Brasil. 1937.)

idiosincrasia: maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

Mamulengo: fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

Tabético: que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo: relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice: safadeza, canalhice.

estoicismo: resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete: movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

35. Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em O Circo.
- b) O heroísmo de Carlito.
- c) As representações da vida real por Chaplin.
- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

Comentários: Lembre-se que o título deve apresentar o tema de um texto. Dentre as opções, a que melhor se encaixa no tema do texto é “heroísmo” de Carlito. A ideia de que Carlito é um herói é referida indiretamente diversas vezes, mas principalmente no 16º parágrafo há a frase “Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo”. Portanto a alternativa correta é alternativa B.

ATENÇÃO: já no primeiro parágrafo a ideia de heroísmo se apresenta em “Como os heróis das lendas populares (...)”. Lembre-se que nos primeiros parágrafos podem estar as principais informações para a interpretação.

A alternativa A está incorreta, pois o filme O Circo aparece apenas como um exemplo e não é o tema central da crônica.



A alternativa C está incorreta, pois Carlito não representa necessariamente a vida real, mas sim uma personagem.

A alternativa D está incorreta, pois a recepção dos filmes não são tema do texto, mas sim exemplos de como a personagem criada por Chaplin era vista por diferentes culturas.

A alternativa E está incorreta, pois não há reforço às dualidades da personagem como tema central do texto.

Gabarito: B

36. Considere o enunciado “Carlito é popular no sentido mais alto da palavra” e as informações de todo o texto. Na visão de Bandeira, a popularidade pode ser explicada pelo fato de Carlito

- I. ser apresentado com indumentária elegante.
- II. ser responsável por atrair grande público para os cinemas.
- III. retratar o tipo heroico americano, que não quer ser considerado malsucedido.
- IV. ter sido ajustado a partir das reações do público.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois a popularidade não está ligada às roupas elegantes. Bandeira descreve seus trajes como compostos de “fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha” (5º parágrafo).

O item II. está correto, pois a popularidade da personagem foi responsável pelos grande público nos cinemas.

O item III. está incorreto, pois Carlito representa a antítese do que o texto descreve como um herói americano.

O item IV. está correto, pois Bandeira descreve no início do texto que Carlito observava a reação do público para montar a personagem: “Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.” (3º parágrafo)

Gabarito: C

37. De acordo com Bandeira,

- a) Carlito é essencialmente triste, apesar de não demonstrar.
- b) o público se identifica com Carlito, porque ele representa um tipo universal de simplicidade.
- c) Carlito faz sucesso nos Estados Unidos, porque é sonhador como os americanos.
- d) Carlito representa o lado heroico do ser humano, embora isso não seja explicitado em seus filmes.
- e) Carlito representa o lado debochado e despojado do ser humano, daí seu grande sucesso.

Comentários: A crônica é sobre o heroísmo de Carlito. Inicialmente descrito como um palhaço que passa por situações de sofrimento, o lado heroico de Carlito está justamente no fato de que,

independente dos sofrimentos e dificuldades, a personagem encontra forças para seguir em frente – como na sequência descrita do filme O circo. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois a personagem demonstra tristeza. Ela apenas é capaz de superá-la e seguir em frente.

A alternativa B está incorreta, pois, apesar de facilmente identificável, não é possível afirmar-se que ele representa um tipo universal de simplicidade.

A alternativa C está incorreta, pois o sucesso da personagem nos EUA se deve a ser o modelo daquilo que o americano não deseja ser: inadequado. O americano quer não se identificar com a personagem.

A alternativa E está incorreta, pois não há no texto passagem que o descreva como debochado.

Gabarito: D

38. Sobre Charles Chaplin, o texto nos permite dizer que

- a) sua arte desperta diversas emoções e extrapola os limites geográficos.
- b) seu personagem Carlito originou-se das reações do público.
- c) seu personagem Carlito é apresentado como um tipo astuto e inteligente.
- d) seu personagem Carlito satiriza a miséria material e emocional do ser humano.
- e) sua arte desfaz no público sentimentos antagônicos.

Comentários: O texto afirma que Chaplin é capaz de despertar diferentes emoções e atingir diferentes locais no mundo. Isso pode ser confirmado por dois trechos: “Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.” (10º parágrafo); e “Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin.” (1º parágrafo)

A alternativa B está incorreta, pois o texto afirma apenas que a personagem se modifica a partir do público, não que ela se origina.

A alternativa C está incorreta, pois a personagem é apresentada como triste e humorística.

A alternativa D está incorreta, pois ele não satiriza a miséria humana, mas sim a representa.

A alternativa E está incorreta, pois segundo o texto, ele suscita o humor, independente da razão que leva as pessoas a rirem dele.

Gabarito: A

39. Segundo Bandeira, o comportamento de Carlito é “uma lição de moral para educação da mocidade”, porque:

- a) contribui como modelo para a formação de pessoas hábeis e práticas.
- b) reforça a interpretação moral das pessoas, já que desejam se parecer com o personagem.
- c) o personagem é contraditório e as pessoas se identificam com isso.
- d) o personagem exibe uma grande humanidade.
- e) as pessoas rejeitam para si as características do personagem.

Comentários:



Essa questão apresentava uma dificuldade na sua análise. O trecho transcrito encontra-se no parágrafo 11. Nesse parágrafo, Bandeira fala sobre a recepção da personagem nos EUA. Releia o trecho:

“Nos Estados Unidos Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, – em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. **Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!**”

Ou seja, a lição de moral em Carlito está justamente nos americanos não repetirem suas ações, não absorverem suas características. Ele é um modelo do que não fazer nos EUA.

Por estar o trecho transcrito entre aspas, esperava-se que o aluno compreendesse que essa questão perguntava especificamente sobre o trecho transcrito e não sobre o texto todo. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

O aluno não poderia responder a essa questão sem voltar ao texto!

No entanto, o aluno poderia facilmente confundir com a alternativa D, já que essa é uma das mensagens do texto: que a personagem nos ensina sobre humanidade. Como a questão se refere especificamente a uma passagem, porém, essa questão não pode ser considerada correta.

A alternativa A está incorreta, pois ele não é visto como modelo dessas características pelas pessoas a que o trecho se refere.

A alternativa B está incorreta, pois as pessoas a que a questão se refere desejam ser o menos possível parecidas com ele.

A alternativa C está incorreta, pois as pessoas a que o trecho se refere não se identificam com suas contradições, mas sim buscam se afastar de suas características.

Gabarito: E

40. Segundo o texto, herói é aquele que

- a) comove as pessoas que o rodeiam.
- b) faz as pessoas levarem a vida de maneira leve.
- c) age de maneira corajosa e previsível.
- d) enfrenta as adversidades, ainda que tenha momentos de fraqueza.
- e) despreza o sucesso, embora o considere importante.

Comentários: O traço heroico de Carlito fica claro no penúltimo parágrafo, na descrição da cena final de O circo, em que Carlito “Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco.”. O herói, segundo o texto, é aquele que enfrenta as adversidades ainda que tenha momentos de fraqueza. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o heroísmo de Carlito não é associado ao efeito que provoca nas outras pessoas.

A alternativa B está incorreta, pois Carlito nem sempre expõe a vida com leveza, ainda que saiba lidar com ela com altivez.

A alternativa C está incorreta, pois não é a coragem ou previsibilidade que fazem da personagem heroica, mas sim sua postura diante das dificuldades.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência ao tratamento que Carlito dá ao sucesso no texto.

Gabarito: D



41. Considerando a estrutura do texto, pode-se dizer que Bandeira

I. vale-se de outro texto para refletir sobre a recepção do público americano aos filmes de Chaplin.

II. considera fatos da época para refletir sobre o comportamento dos americanos.

III. descreve cenas de filmes para enaltecer a criação de Chaplin.

IV. usa recursos linguísticos, como perguntas retóricas e adjetivos, para reforçar seu ponto de vista.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.

b) apenas I, II e IV.

c) apenas II, III e IV.

d) apenas III e IV.

e) todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois Bandeira faz referência à entrevista dada por Pascin no 11º parágrafo.

O item II. está correto, pois Bandeira faz referência à guerra na Nicarágua no 12º parágrafo.

O item III. está correto, pois Bandeira faz referência a cenas do filme O Circo em diversos momentos do texto.

O item IV. está correto, pois em diversos momentos, Bandeira faz interrogações, perguntas retóricas, como forma de criar coesão entre os elementos do texto.

Gabarito: E

42. Depreende-se do texto que os americanos

I. procuram valorizar as particularidades das pessoas.

II. julgam as pessoas, conforme seu padrão de sucesso ou fracasso.

III. são incoerentes em suas atitudes.

IV. não reconhecem suas próprias fraquezas.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.

b) apenas I, II e IV.

c) apenas II, III e IV.

d) apenas III e IV.

e) todas.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois o texto dá a entender que os americanos desejam uniformizar as pessoas dentro de um comportamento único considerado ideal, que não admite as fragilidades da personagem Carlito.

O item II. está correto, pois eles consideram Carlito uma pessoa fracassada.

O item III. está correto. Isso se comprova pela referência à postura incoerente dos americanos quanto à guerra: “o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua” (12º parágrafo).

O item IV. está correto, pois os americanos fogem da identificação com Carlito, pois ele representa traços de fraqueza que eles fingem não ter.



Gabarito: C

43. Assinale a opção em que NÃO há avaliação do autor.

- a) Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. (1º parágrafo).
- b) Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe. (4º parágrafo)
- c) Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito. (6º parágrafo)
- d) Isso por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. (9º parágrafo)
- e) Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. (10º parágrafo)

Comentários:

A única alternativa em que o autor não faz juízo de valor é a alternativa B. Em “Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe”, Bandeira faz apenas uma constatação, relatando a prática de Chaplin na criação da personagem.

As expressões que denotam opinião do autor nas outras alternativas são:

Alternativa A, “Não há hoje no mundo”.

Alternativa C, “Podia ser jocosa também”.

Alternativa D, “um extraordinário dom”.

Alternativa E, “a genialidade de Chaplin”.

Gabarito: B

Texto 11

Ritos

Nos filmes americanos do passado, quando alguém estava falando ao telefone e a linha de repente era cortada, a pessoa batia repetidamente no gancho, dizendo “Alô? Alô?”, para ver se o outro voltava. Nunca vi uma linha voltar por esse processo, nem no cinema, nem na vida real, mas era assim que os atores faziam.

Assim como acontecia também com o ato de o sujeito enfiar a carta dentro do envelope e lambear este envelope para fechá-la. Era formidável a “nonchalance” com que os atores lambiam envelopes no cinema americano – a cola devia ser de primeira. Nos nossos envelopes, se não aplicássemos a possante goma arábica, as cartas chegariam abertas ao destino.

Outra coisa que sempre me intrigou nos velhos filmes era: o sujeito recebia um telegrama ou mensagem de um boy, enfiava a mão no bolso lateral da calça e já saía com uma moeda no valor certo da gorjeta, que ele atirava ao ar e o garoto pegava com notável facilidade. Ninguém tirava a moeda do bolsinho caça-níqueis, que é onde os homens costumam guardar moedas.

E ninguém tirava também um cigarro do maço e o levava à boca. Tirava-o da cigarreira ou de dentro do bolso mesmo, da calça ou do paletó. Ou seja, nos velhos filmes americanos, as pessoas andavam com os cigarros soltos pelos bolsos. Acho que era para não mostrar de graça, para milhões, a marca impressa no maço.

Já uma coisa que nunca entendi era por que todo mundo só entrava no carro pelo lado do carona e tinha de vencer aquele banco imenso, passando por cima das marchas, para chegar ao volante. Não seria mais prático, já que iriam dirigir, entrar pelo lado do motorista? Seria. Mas Hollywood, como tantas instituições, em Roma, Tegucigalpa ou Brasília, tinha seus ritos. E vá você entender os ritos, sacros ou profanos.

(Em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2707200805.htm>. 27/07/2009)



Nonchalance: indiferença, desinteresse.

Tegucigalpa: capital de Honduras.

44. O Texto 2 é uma crítica

- a) à artificialidade dos ritos no cinema e na vida real.
- b) às produções hollywoodianas.
- c) à ausência de publicidade nos filmes.
- d) à qualidade dos produtos americanos.
- e) ao funcionamento de aparelhos tecnológicos.

Comentários: O texto produz uma crítica a ações consolidadas no cinema que na vida real não eram reproduzíveis ou faziam sentido. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a crítica não é exatamente a Hollywood, mas ao cinema como um todo.

A alternativa C está incorreta, pois a ausência de publicidade é apenas uma explicação encontrada para algumas ações e não uma crítica.

A alternativa D está incorreta, pois não se discute a qualidade dos produtos, mas sim a pertinência das ações.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência crítica a aparelhos tecnológicos.

Gabarito: A

45. Está presente no Texto 10, de Manuel Bandeira, e no 11, de Ruy Castro

- a) a abordagem de que os filmes constroem realidades próprias.
- b) a descrição de gestos artificiais de personagens nos filmes.
- c) uma crítica a situações improváveis retratadas pelos filmes.
- d) a descrição de comportamentos do público de filmes americanos antigos.
- e) comentários sobre comportamentos inadequados dos americanos.

Comentários: Do mesmo modo que os filmes criam uma realidade própria, em que ações que na vida real não fariam sentido, também Chaplin criou uma personagem que vive o mundo à sua própria maneira. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência à artificialidade dos gestos em Charles Chaplin no texto de Bandeira.

A alternativa C está incorreta, pois não há referência à crítica de situações improváveis nos filmes de Carlito no texto de Bandeira.

A alternativa D está incorreta, pois não há descrição do comportamento do público no texto de Ruy Castro.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência ao comportamento dos americanos no texto de Ruy Castro.

Gabarito: A



Referências

MEYER, Philip. Os jornais podem desaparecer? – Como salvar o jornalismo na Era da Informação. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teoria e estórias. Lisboa. Vega. 1993. p. 74 a 90.

Imagens

p.04 – Disponível em: <<https://wikileaks.org/>> Acesso em 09 abr. 2019.

p. 09 – Disponível em: <<https://www.ifla.org/node/11174>> Acesso em 08 abr. 2019.

Considerações finais

Como você deve ter percebido, é muito importante que você leia textos jornalísticos para se habituar à linguagem e estrutura dos textos. Isso vai facilitar a interpretação do texto e otimizar seu tempo de prova.

Na próxima aula, continuaremos nossa prática de redação. Nessa aula, veremos:

- Estudando a Introdução II;
- Exercícios de identificação de temática; desenvolvimento de argumentos e planejamento de redação;
- Temas: Conflitos internos do ser humano (2 propostas); e
- Temas: O ser humano e a sociedade (2 propostas).

Até lá, continue lendo jornais e revistas, principalmente os online! Assim, você vai chegar à aula de redação com mais repertório para criar argumentos para suas redações. Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	14/04/2019	Primeira versão do texto.

